

555
12/2

J. A. PIRES DE LIMA

PALAVRAS DUM MÉDICO

(3.ª SÉRIE)

1949

EDIÇÃO DO SANTUÁRIO DA FÁTIMA
COVA DA IRIA

2004

6506/2

REVISTA DO MEDICO

DE SÃO PAULO

608
6506/2

PALAVRAS DUM MÉDICO
(3.ª SÉRIE)

RAZÃO DO MÉDICO

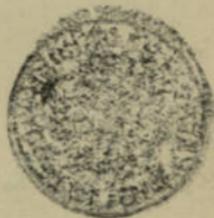
(SÉRIE)

DEP. LEG.

J. A. PIRES DE LIMA

PALAVRAS DUM MÉDICO

(3.ª SÉRIE)



R. 184587

1949
EDIÇÃO DO SANTUÁRIO DA FÁTIMA
COVA DA IRIA

J. A. PIRES DE LIMA

PALAVRAS

IMPRIMATUR.

Leiren, 20 Octobris 1949.

† JOSEPHUS, Episcopus Leirimensis

(A. 2812)

184587

1949

EDICÃO DO SANTUÁRIO DA FÁTIMA

COPY DA FÉTIMA

*Ao grande Português Dom José
Alves Correia da Silva, Reve-
rendíssimo Bispo de Leiria,
com a maior gratidão e pro-
fundo respeito*

of. o autor

J. A. Pires de Lima

PREFÁCIO

QUANDO fui numerar o artigo de Maio da colecção «Palavras dum Médico», fiquei verdadeiramente surpreendido ao notar que ele era o número 50 da 3.^a série.

Quer dizer: não compreendi como passaram súbitamente treze anos depois que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo de Leiria me deu a honra de me convidar para colaborador da «Voz da Fátima».

A passagem tão rápida desses treze anos fez-me lembrar a maravilhosa lenda do «Monge e o Passarinho», contada pelo Padre Manuel Bernardes, no «Pão partido em pequeninos» (!).

Um monge, ao ouvir ler num salmo que «Mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem que já passou», ficou muito admirado e pediu explicação para o caso.

Em seguida, ouvindo os gorgeios dum passarinho, foi atrás dele e sucedeu-lhe que, supondo ter estado a ouvi-lo apenas umas horas, averi-

(1) V. edição de Augusto C. Pires de Lima, Porto, 1940.

PREFÁCIO

guou que se passaram nada menos de trezentos anos.

A mim, o passarinho da Fátima não me entreteve trezentos anos, mas apenas treze.

Realmente, desde 13 de Maio de 1936, a «Voz da Fátima» é colaborada, sem falta, pelo autor destas linhas.

Comecei por obedecer fielmente ao amável convite do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo de Leiria.

Primeiro, considerava como um dever essa colaboração; mas, em breve, o que eu considerava uma obrigação passou a ser uma devoção.

Nunca mais deixei de escrever o meu artigo mensal.

Mas as circunstâncias dos tempos actuais fizeram-me desviar da orientação primitiva.

O Senhor Dom José Alves Correia da Silva encarregou-me de redigir uns pequenos artigos de vulgarização científica, sobre hygiene.

Assim foram os primeiros.

Mas depois, o decorrer da idade, as doenças

que me assaltaram, os grandes desgostos que sofri, os horrores da guerra e as ameaças de outras perturbaram muito o meu modo de ser espiritual.

Cada vez ácredito menos nos homens, mas, felizmente, cada vez creio mais em Deus.

Pedindo, pois, perdão ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo de Leiria e pedindo muita desculpa aos meus queridos leitores, continuarei a minha humilde colaboração enquanto Deus me deixar, e enquanto a «Voz da Fátima» tiver a benevolência de aceitar estes pobres artiguitos.

E agora, por benévola determinação de Sua Ex.^a Rev.^{ma}, reedita-se, num pequeno volume, a terceira série das humildes «Palavras dum Médico».

PORTO, 2-V-49.

J. A. Dixes de Lima

MONTANHA E PLANÍCIE

A vida de uma família é como a travessia de uma serra.

Em crianças, partimos, com nossos irmãos, da profundeza do vale, e iniciámos a subida da encosta. Olhando para cima, vemos, a meio dela, os nossos Pais, ofegantes, de cruz às costas. Lá em cima, os Avós preparam-se para a descida da outra vertente.

E, pouco a pouco, vamos trepando até ao cume da montanha. A meio da jornada, «no meio do caminho da nossa vida», olhando para diante, lá estão, na fatal descida, a meio da outra encosta, os pobres Pais. Mais ao longe, quase no fundo, terminam os Avós a descida; e, algumas vezes, já no vale, desaparecem os Bisavós.

Do alto da serra, olhando para trás, divisamos os Filhos trepando a encosta, como nós outrora, cheios de confiança; atrás deles, iniciam os Netos a fatal carreira e, às vezes, já surgiram os Bisnetos no fundo do vale.

Tudo se passa no tempo diminutissimo de menos de um século.

Podemos conviver com quatro ou seis gera-

ções, mas nunca podem encontrar-se ao mesmo tempo todos os seus membros.

Os que estão de um lado da montanha não podem ver todos os que estão na outra vertente. Por velhice, ou por acidentes traiçoeiros da jornada, todos vão caindo um a um.

Mas há uma força que pode transformar a serra em planície, que pode mudar um século num instante: é a memória, que faz juntar vivos e mortos, num ambiente de saudade, que, ao mesmo tempo, nos reconforta e nos punge a alma...

(13-XII-44)

O SENHOR O VEJA DAR!

AS condições trágicas em que se debate o mundo fizeram aumentar a miséria por toda a parte.

Até nós, que vivemos em paz, vemos crescer pavorosamente o número dos desempregados e dos mendigos.

Tanto uns como outros nos merecem a maior comiseração e simpatia, apesar da sua tão frequente falta de educação.

Não é raro chegar-se a nós, a pedir socorro, um desempregado a cair de bêbado, e a cada passo se aproxima de nós um rapaz, escondendo atrás das costas um cigarro aceso, a pedir um tostãozinho para pão.

Muitas vezes, os pedintes são arrogantes: quase não pedem, mas exigem, e não têm uma palavra de agradecimento para quem os auxilia.

Mas, felizmente, não é sempre assim. Desde que li certas páginas de um famoso livro do grande escritor italiano Edmundo de Amicis, gosto de encarregar o meu Netinho de dar esmola aos pobres que encontro.

E quase sempre noto sinais de gratidão pela

esmola e pela carícia do meu Menino: — «Deus o crie para boa sorte!»

Muitas vezes ouço com satisfação a frase tão grata e tão portuguesa: «Seja pelas alminhas das suas obrigações!»

Mas, em geral, é tão boa a nossa gente humilde, é tão impregnada de beleza a nossa terra, que até em bocas de mendigos encontramos, às vezes, doce poesia.

Uma vez, pelo Natal, ao dar esmola a uma pobre, tive esta recompensa: — «Deus lhe dê muito que dar...»

Certo domingo, à porta de uma igreja, ouvi o mais tocante agradecimento que jamais chegara aos meus ouvidos. Estava uma pobre cega, velha e macilenta, de mão estendida, sem articular uma palayra de súplica.

Pessoa que me acompanhava deixou cair uma moeda naquela mão e, só por este contacto, é que a ceguinha pôde tomar conhecimento de que tal pessoa caridosa, que ela não podia ver, a socorria.

A pobre cega, pobre de bens terrenos e rica de bons sentimentos, cega dos olhos do corpo, mas de alma vidente, extraiu do coração este lindo agradecimento: — «O Senhor o veja dar!»

Sim: confiemos que Deus vê sempre os que fazem bem e os que têm bons sentimentos.

III

POBRES E PORCOS

QUANDO era novo e tinha saúde, gostava muito de viajar. Como tive sempre espírito observador, entrei em combóios de todas as categorias, desde os aristocráticos **Sud-express** e **Ouro-do-Reno**, até às modestas terceiras classes dos combóios ingleses e às quartas classes dos combóios alemães.

Mesmo nestes havia o necessário confôrto, e os companheiros de viagem eram sempre limpos e educados. Talvez hoje não seja assim...

Na nossa terra, não foi preciso vir a guerra maldita para fazer de uma carruagem de terceira um verdadeiro monturo.

Certo dia da Primavera do ano passado, meti-me ingênuamente numa carruagem de terceira classe. Ao chegar à Senhora da Hora, o combóio foi inundado por uma chusma de pobres que vinham da romaria.

Andrajosos, lazarentos, estropiados, só me causaram piedade. Mas senti verdadeira repugnância com a companhia de dois anafados negociantes novos ricos, marido e mulher, bem enroupados e carregados de jóias e de notas.

Almoçaram no combóio e não tenho a coragem de descrever a imundície em que deixaram tudo — nódoas e escarros por toda a parte, além de serem portadores de ignóbeis parasitas, que viajavam sem bilhete...

Poucas semanas depois, tive de partir para o Alto-Minho, em tratamento.

Conversando com um venerando Colega que ali faz clínica há muitos anos, ouvi dele a narrativa das condições asquerosas em que vegeta a população de Castro Laboreiro, onde já tratou duas epidemias de tifo exantemático.

No verão fui, como de costume, passar as férias no Baixo-Minho, onde a imundície é a mesma.

Antigamente, as casas do Minho, por mais humildes que fôsem, possuíam um pequeno aposento, a que chamavam «Necessária». Pois esse recanto doméstico quase desapareceu, e o serviço que se praticava ali faz-se livremente nos caminhos, como se as necessidades higiênicas do homem fôsem iguais às do cavalo, do boi e do cão e mais sumárias que as do gato.

Lavrava naquela terra uma epidemia de febre tifóide, e imagine-se como ela alastrou...

O povo português vegeta, em grande parte, em vergonhosa imundície.

A Acção Católica trabalha numa cruzada tendente a recristianizar Portugal, combatendo

vigorosamente a descrença espalhada durante dois séculos pelas sociedades secretas.

A obra tão benemérita da Acção Católica é grande, mas não será suficiente.

E' preciso levantar outra campanha a favor da limpeza corporal.

Devemos declarar guerra contra a sujidade da alma e contra a sujidade do corpo!

E' preciso, ao mesmo tempo, restaurar a Fé, que nos fez grandes, e proclamar a necessidade da hygiene. Só deste modo nos distanciaremos da maneira de viver dos pretos da África.

Não é só para as Províncias do Ultramar que têm de ir muitos missionários e muitos médicos.

(13-II-45)

CIVISMO

QUANDO, em outros tempos, ia a Paris, muitas vezes reparei no seguinte:

Pela manhã, os transeuntes, ao passarem pelos quiosques dos jornais, pegavam num e deixavam o dinheiro em cima dos restantes. Era raro, àquela hora, encontrar-se alguém no quiosque...

Uma vez, em Bruxelas, reparei que, à entrada de um lindo jardim, havia um letreiro que dizia:

«Neste jardim não há guardas: foi construído para recreio do povo, e ao povo se entrega a sua guarda».

Li algures que, numa cidade da Suíça, estava muito simplificado o serviço doméstico. A' noite, as criadas deixavam, na soleira da porta da rua, a vasilha para o leite, e o respectivo dinheiro.

Pela manhã passava o leiteiro, despejava o leite no recipiente e levava o dinheiro. Acrescentava-se que, naquela cidade, não havia guardas nocturnos.

Quando foi da outra guerra, contou-me um colega meu amigo, que pertenceu ao Corpo Ex-

pedicionário Português, que várias vezes assistiu a episódios como este, à rectaguarda do campo de batalha:

Ranchos de camponeses passavam o dia a colher batatas. Como ao anoitecer não tinha acabado a tarefa, retiravam-se descansados para suas casas, deixando sobre a terra revolvida as batatas que tinham tirado, assim como a ferramenta do trabalho.

Na manhã seguinte, voltavam à faina agrícola, e encontravam intacto o que tinham deixado na véspera.

O meu colega espantava-se com tais factos, que eram perfeitamente normais na Flandres, mas não se atrevia a manifestar a sua estranheza.

Que diria de nós o povo daquela terra, se um português de categoria se admirasse de haver ainda, algures, quem respeitava o que não era seu?

Também não quero fazer confrontos, nem comentários, pois tenho a certeza que, ao lerem este artiguito, os farão, melhor do que eu, os quatrocentos mil assinantes da «Voz da Fátima». E também estou convencido que eles pensarão como eu:

Não é com as super-fortalezas voadoras, nem com as bombas volantes, que a paz voltará ao seio dos homens.

Só gozaremos a paz, quando os homens se convencerem que têm de voltar à prática integral dos Mandamentos da Lei de Deus.

(13-III-45)

O CORPO HUMANO

DESDE a grande Revolução Francesa do século XVIII, espalhou-se pelo mundo a filosofia materialista que provocou transformações colossais na política, na ciência, em todos os géneros da actividade humana.

A medicina e a biologia tomaram feição nova, que muito veio perturbar o pensamento. Estudando, desde há meio século, primeiro como aluno e depois como professor, a Anatomia humana, pude observar o efeito da filosofia materialista nos estudos biológicos.

No fim da minha carreira, depois de muito estudo e profunda meditação, reconheci que errei o caminho, e que tínhamos de voltar, no campo da filosofia anatómica, às ideias tradicionais de Galeno, o médico famoso do grande imperador Marco Aurélio. Vivendo no século II da nossa era, essas figuras transcendentis da humanidade não eram cristãs, mas, em grande parte, procediam como se o fôsem.

Ensinou Galeno que o corpo era o instrumento da alma e que desta dependia a utilidade de todas as partes do corpo.

Foi publicado há pouco um livrinho meu, com o título deste artigo (Biblioteca popular — **J. A. Pires de Lima — O Corpo Humano**, Rudimentos da Anatomia — Portucalense Editora, Porto, 1945).

Nele procuro demonstrar que é forçoso regressar às ideias arcaicas de Galeno.

Os filósofos que prepararam a Revolução Francesa tiveram a pretensão de aniquilar a ideia de Deus e da alma humana; e tal modo de ver infiltrou-se no pensamento dos grandes biólogos franceses daquela época. Surgiram então as ideias transformistas, que muito foram exageradas, depois, na Inglaterra e na Alemanha. Para os transformistas, a vida apareceu na terra por acaso: primeiro apareceram seres vivos rudimentares que se foram aperfeiçoando e transformando sucessivamente em seres cada vez mais perfeitos, até darem origem ao homem.

Este era um bicho como os outros e pouco diferia de um chimpanzé.

Estudos de anatomia comparativa mostravam à evidência que a laringe de um homem é exactamente igual à de um macaco. Assim é, com efeito, mas poderá comparar-se o guincho de um macaco ao discurso de um grande orador ou à melodia de um grande cantor?

Problemas como este apresento no meu livrinho, no qual me proponho expor ao grande público a necessidade de aceitar a existência

da alma, apesar da obra demolidora das ciências biológicas dos dois últimos séculos.

Pouco antes do advento das ideias transformistas, um sábio alemão deu, do homem, esta definição lapidar:

«Homem é um animal que raciocina, que fala, que anda com dois pés e que tem duas mãos».

É preciso aceitar esta doutrina, e pôr de parte as ideias que procuraram destruí-la.

(13-IV-45)

RESSURREIÇÃO

TODOS os anos, pela Primavera, celebramos o facto assombroso da Ressurreição de Cristo Senhor Nosso, narrado assim no Evangelho segundo S. Mateus (XXVIII, 5-7): «Mas o anjo, tomando a palavra, disse às mulheres: Vós não temais, porque sei que procurais a Jesus que foi crucificado; êle já aqui não está, porque ressuscitou como tinha dito; vinde e vede o lugar, onde o Senhor estava posto. E ide dizer aos seus discípulos que ele ressuscitou».

Estamos na Primavera, primavera trágica onde a humanidade inteira vai sossobrando num cataclismo que já comparei à queda do primeiro homem, ao dilúvio universal, ao cativoiro de Babilónia.

Poderá também ressuscitar a civilização milenária que está a desaparecer?

Nosso Sênhor Jesus Cristo ressuscitou, pleno de glória, ao terceiro dia.

O homem requintadamente civilizado do século XX, atascado em vícios e pecados, ressurgirá, se Deus quiser, mas parece estar condenado a apodrecer completamente, antes que Deus se

digne fazer o grande milagre de tirar os pecados do mundo, fazendo realçar de novo a dignidade do homem.

Quem alguma vez se encantou observando as margens do Reno, se não conhece e não ama as terras de Portugal, pensará que viu a região mais bela do mundo. Quando o viajante deixa a pitoresca cidade de Bona, logo avista o grupo admirável das sete montanhas (**Siebengebirge**) e o «Penedo do Dragão». Desse lugar se conta uma lenda curiosíssima, que data do primeiro século da era cristã. A Gália estava já cristianizada, enquanto que a Germânia ainda era pagã.

Um dia, os germânicos fizeram uma incursão a terras gaulesas e levaram muitos prisioneiros, entre os quais uma formosa menina cristã, que foi condenada a ser devorada por um dragão.

A fera, porém, em frente de um crucifixo que a menina lhe mostrou, precipitou-se no rio, onde desapareceu para sempre.

Em frente deste milagre, converteram-se os germânicos e a menina cristã casou com um dos seus chefes. O casal instalou-se num solar de que ainda se mostram vestígios e deu origem a uma das mais nobres famílias alemãs.

As margens formosíssimas do Reno foram inteiramente devastadas pela guerra, e a im-

prensa ocupa-se até de combates efectuados nos **sefe montes** do Reno.

Não se sabe como nem quando acabará a guerra.

Mas sabe-se que Deus pode terminar o horrível conflito e tem até o poder de melhorar o coração dos homens.

Quem sabe se a mutilada catedral de Colónia ainda virá a ser testemunha de grandes feitos, e se a França de Nossa Senhora de Lourdes, de Santa Genoveva, de Santa Joana d'Arc, de Santa Teresa do Menino Jesus, ainda virá a influir para que termine um dia a traição de Lutero e que o **soberbo gado** a que alude o nosso Camões, ainda venha a obedecer de novo ao Pastor romano?

Tudo é possível a Deus. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no Céu!

(13-V-45)

VII

A CRISE DO MUNDO MODERNO

COM este titulo, publicou o jesuita brasileiro Leonel Franca um livro cuja leitura é impressionante, pela clareza e pelo vigor com que foi escrito. Temos de nos convencer que estamos passando por uma das maiores crises que o mundo tem atravessado.

Qual a origem de tantos males que affectam a humanidade?

Vêm de longe as suas causas, diz Leonel Franca. Na época esplêndida da Renascença, em que Portugal deu lições ao mundo, o orgulho humano separou da obediência ao Papa muitas das nações cristãs e o orgulho humano também separou da obediência a Deus grande número de pensadores. O século XVI destruiu assim os alicerces da Civilização.

Assim começou a anarquia, que levou grande número de pessoas ao ateísmo.

O livre-pensamento, gerado em grande parte na Inglaterra, no século XVIII, passou a França, exacerbando-se, originando a grande Revolução. O espírito de Voltaire, o maior inimigo da Igreja,

formou-se lendo os ímpios ingleses. A chamada Grande Enciclopédia visava à demolição do Cristianismo.

Essas ideias revolucionárias passaram à Prússia e à Rússia, onde as casas reinantes as receberam benèvolmente, acarinhadas pela maçonaria, que também teve a sua origem na Inglaterra.

O ódio a Cristo fez desencadear o **Terror**. — Os filósofos suprimiram Deus e pretenderam fundar nova religião, em que o homem seria adorado. «Nem Deus, nem patrão!» — clamavam os homens da revolução francesa.

E acrescentavam que «era preciso enforcar o último rei com as tripas do último padre».

A chamada filosofia positiva do século XIX declarou que nada interessava a origem e o destino do homem.

A filosofia materialista do século passado suprimiu a moral, levando a humanidade à destruição e à guerra. Do ateísmo nasceu o comunismo.

Em grandes filósofos e em grandes sábios devemos, pois, ver os malfeitores que levaram a humanidade ao caos.

Haverá remédio para vencer o cataclismo?

Acreditemos que sim.

A Igreja salvou, há dois mil anos, a civilização, que parecia sossobrar com a queda do Império romano.

Há algumas dezenas de anos, tem sido muito cultivada a filosofia cristã, que se propõe substituir o pensamento nefasto dos filósofos materialistas.

Precisamos de nos voltar outra vez para Deus. Precisamos de obedecer inteiramente aos seu preceitos.

Precisamos todos os cristãos de regressar à obediência ao Sumo Pontífice de Roma.

Só assim poderemos salvar a civilização que ameaça desaparecer (*).

(13-VI-45)

(*) Este artigo foi escrito há dois meses. Grandes acontecimentos se deram depois. Mantenho, contudo, o que digo: a Paz, a verdadeira paz, só pode voltar com o regresso a Deus.

VIII

RACISMO

NO «Jornal do Médico» (5-V-45), o meu jovem e distinto colega Dr. Valdemar Pacheco faz uma crítica notável ao volume II das «Pallavras de um Médico». O que mais apreciei nessa análise foi a franqueza que manifestou discordando da doutrina que defendi no artigo, que tem o mesmo título deste (citado volume, pág. 17).

O problema das raças é realmente muito complexo, quer sob o ponto de vista antropológico, quer sob o ponto de vista político. E os sábios e os políticos das diversas nações têm procurado resolvê-lo de diferentes maneiras.

Enquanto na Alemanha, nos Estados Unidos, na Itália, as raças exóticas eram perseguidas, a ponto de, nas duas primeiras nações, com pretexto de pretendidas regras de eugenia, se chegar a proceder a brutais mutilações, na França da «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» as uniões com as raças das colónias eram inteiramente permitidas.

Enquanto uns antropologistas anatematizavam os cruzamentos de raças, outros achavam

que eles eram benéficos; e citavam muitos mulatos de grande talento, que apareciam em países novos, como o Brasil.

Creio que todos exageravam, e que o problema tem de ser posto de novo, depois da tragédia que subverteu o mundo. A eugenia é uma ciência atrasadíssima, e não podemos compreender como, de um casal de indivíduos insignificantes, pode provir um santo, um sábio, um artista ou um bandido.

Já tive ocasião de demonstrar ⁽¹⁾ a influência nefasta que tiveram as raças exóticas na decadência de Portugal.

— «Houve assim tão grande entrada de sangue estranho?» — pergunta Valdemar Pacheco. Certamente que houve.

Com as navegações portentosas do Infante D. Henrique entraram em Portugal centenas de milhares de escravos negros. E, só no reinado de D. João II, entraram no nosso país duzentos mil judeus expulsos de Espanha.

O Português da era gloriosa da Dinastia de Avis era lavrador, marinheiro e soldado. O judeu era traficante e agiota, e o negro era inteiramente selvagem. Misturado com estas raças, o Português perdeu o primitivo carácter, entrando em franca decadência.

(1) *J. A. Pires de Lima, Influência dos Mouros, Judeus e Negros na etnografia portuguesa (Congresso Nacional de ciências da população, Porto, 1940).*

Foi tal o êxodo dos Portugueses legítimos, por causa das **navegações grandes que fizeram**, foi de tal ordem a entrada de sangue estranho, que levou Garcia de Resende a produzir esta lamentação :

«Vemos no reino meter
tantos cativos crescer,
e irem-se os naturais,
que, se assi for, serão mais
êles que nós, a meu ver».

Lisboa estava pejada de negros e judeus, que muito perturbaram o equilíbrio étnico do Povo português.

Na Sociedade de Antropologia de Paris, houve quem dissesse que os Portugueses eram de origem moura, berbere e egípcia.

E o humanista Clenardo afirmou que, no século XVI, Portugal estava tão cheio de judeus e de mouros, que parecia que, em Lisboa, havia mais escravos daquelas raças do que Portugueses livres.

Com efeito, informa Leite de Vasconcelos que, no fim daquele glorioso século, a população de Lisboa era de 200.000 habitantes, sendo um terço de negros, outro terço de cristãos-novos, e apenas um terço de autênticos Portugueses!

E' por isso que, no célebre Mapa das raças da Europa, von Eickstedt colocou um estigmatizante circulo negro por baixo do Rio Tejo, a indicar a influência negróide na população de Portugal.

Fica assim explicado e actualizado o meu pensamento aqui expresso há cinco anos.

(13-VII-45)

A ORAÇÃO

OS rapazes que, no fim do século passado, foram educados pelos compêndios oficiais portugueses, ficaram tendo grande admiração pela Revolução francesa e pelos grandes escritores que a prepararam, ou que dela derivaram, como Voltaire, Rousseau, Zola, etc.

Só uma auto-educação postêrior fez revelar a esses rapazes que os escritores e filósofos exaltados oficialmente não passaram de malfeitores e que o espírito da nobre nação francesa é representado por muitos dos reis que a organizaram, por grandes literatos conservadores, por sábios da craveira de Pascal, de Ampère e de Pasteur.

Da mesma estirpe foi o grande biologista, há pouco desaparecido de forma um tanto misteriosa, Alexis Carrel.

Este sábio católico, forçado a exilar-se para a América, em virtude da intolerância religiosa que reinava na França, trabalhou brilhantemente no Instituto Rockefeller de Nova York, e ao mesmo tempo, espantou o mundo científico

com a sua obra retumbante «O Homem, esse desconhecido».

Na mesma ordem de ideias, poucos anos antes de morrer, redigiu um pequeno trabalho, que correu mundo em edições inglesas e francesas e que agora foi publicado em bela edição portuguesa, pela Livraria Tavares Martins. Esse livrinho, de 44 páginas, intitula-se: «**ALEXIS CARREL**» — **A oração — Seu poder e efeitos**. Trad. portuguesa de Eduardo Pinheiro — Porto — 1945».

Na introdução do seu último livro, afirma Carrel que a observação pode estender-se até ao estudo do fenómeno espiritual da oração. Estudando o homem que reza, aprenderemos em que consiste o fenómeno da oração, a sua técnica e os seus efeitos, diz o eminente biologista.

A oração é uma elevação da alma até Deus, um acto de amor e de adoração para com Aquele a quem se deve esta maravilha que é a vida.

No breve capítulo intitulado «Como se deve orar», conclui Carrel:

«Toda a técnica da oração é boa quando põe o homem em contacto com Deus».

Em qualquer parte se pode rezar, mas os lugares mais próprios são a igreja ou o silêncio do nosso quarto.

O homem civilizado moderno deixou de rezar e até o grande demolidor alemão Nietzsche afirmou que a reza era uma vergonha. Contudo, a

oração pode produzir extraordinários benefícios, como verificou Carrel.

O grande sábio mais uma vez manifestã a sua crença nos milagres obtidos pela oração, quando ela é verdadeiramente fervorosa, e compara o efeito da reza ao das glândulas de secreção interna.

Quando o médico vê o seu doente a rezar, diz Carrel, deve ficar muito satisfeito, pois a calma produzida pela oração, muito ajuda o tratamento.

De novo fala Carrel das curas milagrosas de Lourdes, devidas à oração: quantos cancro e tuberculoses médicas cirúrgicas não têm sido ali curados instantâneamente, pela simples virtude da oração?

Tudo se passa como se Deus ouvisse as nossas súplicas, diz o grande sábio Carrel.

A oração é tão necessária ao homem, como a respiração, diz o célebre biologista, que demonstra quanto é necessária a manutenção das crenças dos nossos pais.

(13-VIII-45)

A "CARTA DO MUNDO"

O escritor suiço H. de Ziégler deu-se, há pouco, ao trabalho de explicar Portugal num belo livrinho a que deu o nome de «Lusitanie».

Em primorosa edição, lindamente ilustrada, o autor fala com entusiasmo da nossa história, dos nossos monumentos, da nossa paisagem, dos nossos costumes, e procura, em todas as páginas, enaltecer Portugal.

Mas nem tudo são virtudes na nossa gente. Ziégler chama a Lisboa o inferno dos apressados e o paraíso dos tresnoitados. Almoça-se ali à uma hora, à uma e meia ou às duas, janta-se às nove, e às dez vai-se para o espectáculo.

Depois, há a noite inteira, porque seria ridículo ir para a cama logo depois do teatro: vai-se para o café conversar e beber ou para a Avenida passear, e basta ir para a cama lá para as três horas da manhã.

Isso não tem importância, pois o lisboeta só se levanta ao meio-dia.

Estes hábitos vieram da América, tal como o

escaravelho da batateira e as fitas imorais do cinema.

Mas há certa diferença entre o noctâmbulo de Lisboa e o de Nova York.

Enquanto este perde a noite, mas está pontualmente a trabalhar no seu escritório às nove horas da manhã, o bom do lisbonense fica a dormir, até o meio-dia, reparando as forças perdidas numa noite de *pagode*.

O resultado das duas maneiras de viver é manifesto: enquanto os portugueses vivem alegres e felizes em dilatada vida, nas ruas de Nova York não se encontram velhos, pois todos rebentam de fadiga no vigor da idade. E', portanto, um perigo tentar suprimir o sono, como fazem os homens de negócio americanos.

Parece-me que o português deve manter-se aferrado aos seus costumes tradicionais, tão sãos e tão característicos. Foi deveras nociva para nós a mania, que durou mais de cem anos, de imitar a França, principalmente nos seus defeitos. Agora o português, inebriado com os fumos da vitória das chamadas nações unidas, dá-se a macaquear a Inglaterra e a América.

Não é simpática, nem útil, semelhante atitude.

Considero exagerado o entusiasmo pela perspectiva da «Carta do Mundo», que nos dará a paz eterna.

Considero exagerada a admiração pelos chamados «Três Grandes».

O que é verdade é que só Um é grande. Só Um é incapaz de morrer ou de ser substituído. Só Deus é capaz de encontrar um homem justo e perfeito e de lhe entregar a tarefa de corrigir a depravação da humanidade, como sucedeu no tempo do Dilúvio. (*Gênesis, VI*).

Esperemos, pois, que Deus abençoe os sobreviventes do grande cataclismo e com eles estabeleça nova aliança.

Porto, 1-VII-45 (*).

(13-IX-45)

(*) Este artigo foi escrito perto de dois meses e meio antes de ser publicado. Creio que não perderá a oportunidade e que o decorrer do tempo me dará mais razão. Depois de o escrever já apareceu a «bomba atômica». Que mais virá?...

XI

HONRA E GLÓRIA

HOUVE no Seminário de Braga um professor, chamado Martins Capela, que foi um arqueólogo notável.

Quando envelheceu, depois de carreira longa, dedicada ao ensino e à investigação científica, recolheu modestamente à sua casinha de família, situada numa afastada serra do Alto Minho.

Um dia, um meu colega muito ilustre foi lá visitá-lo, em companhia de outros amigos. Ao chegarem ao tugúrio humilde onde se acolhera o sábio, na derradeira fase da sua vida, os seus amigos ficaram assombrados com tanta modéstia, pois o venerando arqueólogo vivia tal qual como os camponeses da sua terra natal.

E não puderam deixar de fazer sentir a sua grande surpresa, por verem tanta humildade em pessoa de tanto valor. E o Padre Martins Capela respondeu com rude franqueza minhota:

— «Meus amigos: se eu fôsse vaidoso, não passava de um **pedaço-de-asno!**»

Confronte-se a atitude do velho professor com a dos grandes do mundo, cuja risonha efi-

gie vem estampada, todos os dias, nas gazetas.

Ridícula atitude dos três ou quatro **grandes**, que, de vez em quando, são levados para o cemitério, ou corridos das suas altas posições!

«Aquela que todas as gerações chamarão Bem-aventurada» proclamou bem alto, há perto de dois mil anos:

«Manifestou a própria Omnipotência do seu braço: destruiu os soberbos, com o espírito do seu coração. Derrubou os poderosos do seu assento, e levantou os humildes. Aos pobres famintos encheu de bens, e aos ricos ambiciosos deixou vazios».

Não nos curvemos perante as grandezas do mundo, pois só a Deus é devida honra e glória...

(13-X-45)

MISTIFICAÇÃO

«**E**M tempo de guerra, mentiras por mar e por terra». Trata-se de um dito da sabedoria popular, que, nos nossos tempos, tem mais cabimento do que nunca.

Antigamente as mentiras só podiam vir pelo mar ou por terra.

Agora, vêm também pelo ar, em fortalezas voadoras, ou pelo éter, nas emissões radiofónicas.

Entram-nos as petas pelos olhos, lendo os jornais, ou assistindo a uma sessão de cinema; e entram-nos pelos ouvidos sentados em frente de um aparelho de rádio ou cómodamente dispostos numa poltrona de um salão de animatógrafo.

E que espantosos exageros a paixão política inventou!

Não há dia nenhum em que não sejamos docemente iludidos com a notícia da descoberta da cura infalível da tuberculose, da lepra ou do cancro! Há muitos anos que, neste jornalzinho, tenho a honra de dar humildes conselhos sobre medicina preventiva.

Pois confesso que, actualmente, sinto grandes dificuldades para encontrar temas apropriados, sem cair no erro de aconselhar mal os queridos leitores.

Apesar de terem sido suspensas com a guerra muitas das mais importantes revistas científicas, apesar de terem sido destruídos pela guerra muitos dos mais notáveis laboratórios de investigação médica, todos os dias ouvimos buzinar entusiasticamente o advento de descobertas que tornarão o homem quase imortal.

Para mostrar a que ponto vai a propaganda, transcrevo de uma conceituada revista: «Num sanatório de grande fama, alguns doentes se negaram a determinadas intervenções cirúrgicas, quando os jornais anunciaram a descoberta de um produto americano que curava a tuberculose e que vinha precedido duma aura superior à da penicilina.

Esse produto falhou redondamente, traduzindo-se em irremediável prejuízo a negativa dos referidos doentes.

O facto não ocorreu apenas no nosso país. Dá-se conta dele em revistas americanas, onde os médicos lastimam que uma indiscrição jornalística, divulgada em todo o mundo, tenha dado tão maus resultados.

Este é um dos aspectos da propaganda de especialidades na grande imprensa. Induzindo em erro os doentes, pela sua ignorância, a pro-

paganda de medicamentos fora... dos médicos é um verdadeiro atentado contra a saúde pública...

Não se sabe quem possa pôr côbro ao abuso que se vai verificando na propaganda, fora dos meios próprios, de especialidades que vão transformando a farmácia em mercearia...»

Tenho-me fartado de aconselhar os leitores da «Voz da Fátima» a defenderem-se dos micróbios, das moscas e de outros parasitas. Agora, incluo na lista dos agentes das doenças as noções falsas que, àcerca da medicina, nos impingem de todos os lados. Por isso, meus amigos:

Se tiverem a infelicidade de adoecer, chamem um médico de confiança, obedecam-lhe, e não façam caso dos conselhos de amadores nada bem intencionados.

(13-XI-45)

ÀS POLEGADAS

O espírito humano aterra-se em frente dos problemas da dor, da doença e da morte, e é levado a acreditar numa vida futura em que a bondade infinita de Deus se manifeste inteiramente, quando as misérias deste mundo estejam aniquiladas. O sofrimento físico foi sempre motivo de terror para o homem, que, desde tempos imemoriais, declarou que «acalmar a dor é obra divina».

Nosso Senhor Jesus Cristo curava instantaneamente a cegueira, fazia levantar os paralíticos, sarava os leprosos e tinha até o poder de ressuscitar mortos. Tais milagres praticava-os Nosso Senhor diante de toda a gente, só com o poder da Sua palavra. E ainda os pratica hoje, por intercessão de Sua Mãe Santíssima.

Quantos doentes, que os médicos consideravam incuráveis, se têm levantado das suas macas em Lourdes e na Fátima, quando o sacerdote grita: «Senhor, curai os nossos doentes!»

Essas curas instantâneas, absolutamente reais, mas raras, têm induzido os doentes a uma exagerada confiança no poder da medicina.

Afectadas por qualquer doença, as pessoas, em geral, exigem que o médico as alivie das suas dores e as cure instantâneamente, pelo poder da sua arte.

Muitas vezes, ai de nós, são vãs as esperanças dos doentes.

A dor e a morte serão sempre o nosso triste apanágio, por maiores que sejam os progressos da medicina.

Com Hipócrates, a quem os antigos chamaram divino, a medicina já atingiu grande perfeição. Passaram, todavia, séculos às dezenas e, apesar dos notáveis progressos da arte médica, continua a pobre humanidade a sofrer e a morrer. A vaidade humana criou a lenda do progresso indefinido, que levaria o homem, outra vez, ao Paraíso terreal.

Nada mais frágil do que tal esperança. Devemos acreditar no progresso da medicina. Mas desconfiemos dos prodígios que todos os dias anunciam os jornais e as emissoras radiofónicas. Não há dia nenhum em que nos não entre, pelos olhos ou pelos ouvidos, a noticia de que um grande sábio descobriu a cura radical da tuberculose, da lepra ou do cancro! Desconfiemos de tantas maravilhas e não acreditemos de boa fé no aparecimento de tantos sábios.

O verdadeiro sábio trabalha silenciosamente no laboratório, não faz propaganda barulhenta do seu esforço, não anuncia coisas que não pode

fazer. O verdadeiro sábio trabalha desinteressadamente em favor da humanidade, à qual dedica todo o seu esforço, sem lhe passar pela cabeça enriquecer à custa de qualquer invento.

Desde a Renascença, Vesálio, Paracelso, Paré, Harvey, Galvani, Claude Bernard, Pasteur, Röntgen, Curie, com a sua obra científica, levaram as ciências médicas ao apogeu, criando, pouco a pouco, a Anatomia, a Química médica, a Cirurgia, a Fisiologia, a Electricidade, a Bacteriologia, a Radiologia.

Acabada a guerra, desaparecida a poeira das mentiras que ela fez levantar, esperemos que, em novos laboratórios, possa prosseguir o avanço da medicina. Mas não esperemos nunca vencer a morte, não esperemos jamais que a dor seja completamente suprimida. O povo, na sua sabedoria, há muito decretou, para valer para sempre:

«O mal entra às braças
e sai às polegadas».

(13-XII-46)

MUITO RICO E MUITO BURRO

UM magistrado que, durante largos anos, desempenhou, com a maior austeridade e competência, altas funções públicas, ao recolher a um merecido descanso, publicou um livro (1), em que mostra as suas impressões àcerca das virtudes e defeitos de governantes e de governados. Confessa que aplicou o máximo da sua energia na propaganda da disciplina e da necessidade do acatamento à lei, procurando demonstrar que não é honesto desobedecer a ela. Foi baldado o seu esforço, porque o português está indisciplinado e perdeu a noção de civismo.

Isso é uma grande verdade. Mas o autor do livro, que teve funções de governante, e pelo Governo manifesta completo respeito, tem a hombridade de confessar que, nas leis, reside muitas vezes a causa da indisciplina do povo.

E cita várias leis, que, por terem sido mal estudadas, levam a hesitações perigosas, tanto da parte das autoridades, como daqueles que a elas têm de obedecer.

Fala, por exemplo, da legislação a respeito

do plantio da vinha, do tabelamento do preço do milho...

A propósito, diz textualmente: «Em matéria de géneros *tabelados* todos *faziam o que podiam*, não considerando furto receber um preço superior ao estabelecido por lei ou pelas autoridades».

Vou contar um episódio passado há dois anos, em que a produção cerealífera foi quase tão escassa como em 1945. Quase todos os lavradores fugiam a manifestar fielmente a sua produção. Em regra, passavam, altas horas da noite, em carros de bois ou em automóveis, sacos de milho, que fugiam ao tabelamento. Tenho um velho amigo, que vive dos rendimentos que lhe dá a sua profissão. Herdou uma quinta e, naquele ano calamitoso, teimou em entregar à freguesia todo o produto das suas terras.

O povo reparou na generosa atitude daquele meu velho amigo, que, diga-se de passagem, não é nada tolo e não tem quaisquer ambições de riqueza. O povo reparou na sua generosa atitude, mas não a agradeceu, nem a compreendeu. Confrontava-se, em largas conversas, a atitude daquele meu amigo com a da maior parte dos outros proprietários. Enquanto aquele vendia o milho à mísera tabela, os outros levavam-no para longe, onde o vendiam cinco vezes mais caro. Estes lavradores gananciosos eram dura-

mente classificados. Mas, ao confrontar-se o seu procedimento com o do meu ingénuo amigo, o povo explicava muito simplesmente:

— «F. é muito rico e muito burro...»

(13-I-46)

(1) António Augusto Pires de Lima — *Administração pública — Subsídio para o estudo de alguns problemas*, Pôrto 1945.

A PAZ

DEPOIS que foi, para sempre, esmagado o chamado Eixo Roma-Berlim-Tóquio, durante mais de três meses, convencionou-se dizer ao mundo que vivíamos em Paz. Todos os dias os jornais nos diziam que a felicidade reinava outra vez entre os homens. Quantos exageros, quantas falsidades, quantas palavras de ódio a imprensa não tem, nos últimos tempos, transmitido aos seus leitores?

Já desesperava de, um dia, poder ouvir outra vez a verdade, quando, pelo Natal, no meu forçado repouso, tive a felicidade de ler as mensagens brilhantíssimas da Igreja Católica, por intermédio de duas grandes autoridades—o Santíssimo Padre Pio XII, e o nosso Eminentíssimo Cardeal Cerejeira. Foi grande a minha consolação espiritual, pois parece que ouvi a própria Voz sacrossanta, que, há perto de dois mil anos, prègou o Sermão da Montanha.

Ao contrário do que nos têm dito, responde a si mesmo o Padre Santo «Mas é esta ainda a verdadeira paz?—Não, é apenas uma fase do após guerra... Os homens devem evitar cria-

ções artificiais e falsas afirmações da chamada opinião pública... Consideramos que a muito desejada pacificação e concórdia entre os povos não podem ser melhor iniciadas do que com a sua libertação e, tanto quanto possível, pela sua generosa e eficiente reabilitação...»

A voz de Roma foi secundada pela do Eminentissimo Cardeal Patriarca de Lisboa: «Mas a Paz, a paz para todos os povos e para todas as consciências de boa vontade — essa ainda se não estabeleceu em toda esta Europa martirizada... A guerra acabou, mas ainda não estão extintas, nem sequer contidas, as concupiscências que a geraram... A obra de edificação da paz exige a auscultação e a satisfação de todas as aspirações justas dos povos, sem distinguir entre vencidos e vencedores, a fim de destruir as próprias causas da guerra... Que as nações pequenas... vivam e prosperem tranquilas na sua independência... que os homens aprendam a amar-se...»

E' preciso conquistar a verdadeira paz e a verdadeira felicidade, proclama a Igreja. E' preciso que se conheça a verdade toda, para que saibamos que estamos longe da paz. Nos países devastados pela guerra, morre-se de fome e de frio. Focos epidémicos alastram por toda a parte: febre tifóide, enterites infantis, tifo exantemático, varíola; a tuberculose voltou a espalhar-se de maneira assustadora; a falta de ali-

mentos vitaminados produz inúmeros casos de raquitismo; as crianças perderam a vivacidade característica e os encantos da bondade: nascem estúpidas e más como nunca; os soldados desmobilizados, até os dos países vencedores, entregam-se a toda a espécie de crimes: roubos, assassinios... tal é o panorama das sociedades humanas devastadas pela guerra.

«Para alguma coisa é boa a desgraça», dizem os franceses. Há duas doenças, pelo menos, que fazem menos estragos: a cirrose do fígado e a cárie dentária nas crianças: — esta por falta de rebuçados e outras gulodices, e as cirroses por falta de bebidas alcoólicas...

«As nações pequenas podem valer infinitamente mais que as grandes» disse na sua luminosa mensagem o Eminentíssimo Cardeal Patriarca.

Entre as chamadas nações pequenas, não o disse, mas pensou-o certamente, conta-se o Portugal do Infante D. Henrique, que *dilatou a fé* por meio mundo.

Conta-se o Portugal da Virgem Nossa Senhora da Fátima, cujo culto se vai propagando por esse mundo fora.

E' essa a melhor maneira de consolidar a paz, dizer ao mundo, como no N.º 1 da edição espanhola e inglesa da «Voz da Fátima»: O caminho único que leva ao Céu são os dez mandamentos».

Acrescentarei que tal caminho é o único que nos levará, em antes, à verdadeira paz e à felicidade na terra!

(13-2-46)

A MESTRA DA VIDA

QUANDO não compreendemos a marcha dos acontecimentos, devemos procurar saber o que se passou nos tempos antigos. A história, diz-se, é a mestra da vida, e as mesmas causas devem produzir os mesmos efeitos.

Nos começos do século XIX, foi a Europa devastada por tremendas guerras, desta vez desencadeadas pela França, onde surgiu um dos maiores guerreiros que têm aparecido no mundo. Todos conheceram por tradição *o tempo dos franceses*, com as suas misérias. Já aqui me ocupei das tentativas de paz definitiva que os três grandes desse tempo pretenderam estabelecer («Depois da guerra», *Palavras de um médico*, II volume, pág. 93).

Em 26 de Setembro de 1815, os imperadores da Rússia e da Áustria, bem como o rei da Prússia, assinaram em Paris um tratado de paz perpétua. Estabeleceu-se deste modo a chamada Santa Aliança, em nome da *Santíssima e Indivisível Trindade*.

Pouco depois, estalava por toda a Europa

uma série de guerras civis, denominadas lutas liberais, que tantas devastações causaram.

Eram, talvez, bem intencionados os *três grandes* desse tempo, mas a Santa Aliança falhou. Pode agora revelar-se, como costumam dizer os jornais, que os mais abomináveis sucessos passados durante os dois últimos séculos, foram provocados pelas associações secretas, poder oculto mais eficiente do que o de todos os grandes.

Depois da chamada Grande Guerra, fundou-se a *Sociedade das Nações*, cuja acção falhou, como a da *Santa Aliança*.

Surge agora outra corporação internacional com os mesmos intuitos — a *Organização das Nações Unidas*. Que bom seria que a Humanidade acertasse agora e que a bomba atómica morresse ao nascer!

Mas a actual UNO difere muito daquelas. É constituída por meio cento de nações, mas quem mandará, a final de contas, são os grandes, que não se sabe bem se são três ou cinco.

Mas quantos grandes ficam de fora?

Não fazem parte Portugal e a Espanha, que já foram maiores que ninguém, e que, se Deus quiser, podem voltar a sê-lo. Se não fosse a obra das nações ibéricas, a maior parte dos membros da UNO nunca poderiam ter assento em Londres, porque nunca teriam nascido.

Também ficou à porta uma nação que nunca

fez mal a ninguém — a Suíça. Uma nação que também não é grande em território, mas sob o ponto de vista moral, é a maior do mundo — o Vaticano — também não tem voto na UNO.

Com todas estas falhas, esperemos que a verdadeira Santa Aliança venha surgir agora das forjas da política internacional.

(13-3-46)

QUEM É GRANDE

NA chamada Organização das Nações Unidas, onde estão representadas cinquenta e uma nações, algumas destas são consideradas grandes—às vezes três e outras vezes cinco. Segundo me parece, as nações, assim como os homens, não podem medir-se aos palmos. Uma delas está, sorrateiramente, a tentar o domínio do mundo inteiro, tal qual como outrora a derrotada Alemanha. Outra também deseja ser considerada grande, porque tem muito dinheiro.

A terceira, que já foi a maior de todas, arranha os dentes àquela que a quer sobrepujar.

As outras duas, que querem fazer de grandes, são a França, que, nos últimos duzentos anos, tantas vitimas fez cair, em nome da liberdade, e a China, vastíssima nação asiática, inteiramente desorganizada.

Não. A grandeza dos homens e das nações não é aferida pelo seu tamanho, pelo seu dinheiro, ou pela sua força física...

Quando, há dois mil anos, os Romanos invadiram a Península, na sua ânsia de dominar o mundo, ao lado de Viriato, nosso heróico antepassado, ficou na história o nome de outro

lusitano, que tratou com extremos de carinho um nobre romano ferido em combate.

Raras vezes pode sentir-se comoção tão grande em frente de uma obra de arte como no Museu do Prado, em Madrid, ao ver a *Rendição de Breda*, o célebre quadro das lanças. O vencedor perdeu todo o orgulho castelhano, ao receber as chaves da cidade vencida, e parece, até, que está pedindo desculpa de ter derrotado o inimigo. Nunca a Arte, a Beleza e a Bondade sobressaíram mais do que na famosa tela de Velasquez, um dos maiores pintores do mundo, que, aliás, tinha costela portuguesa.

Na Reunião de Londres, pela primeira vez apareceu um homem a reclamar piedade para os vencidos. E é curioso notar que a voz saiu da boca do representante do Uruguai, de um membro da mesma estirpe ibérica, de onde se destacou, há dois mil anos, o obscuro soldado que tratou, com toda a caridade, um chefe inimigo, da mesma estirpe do que aceitou com rosto compadecido a chave da cidade que tinha conquistado. É no gesto destes três homens que eu encontro a verdadeira grandeza.

A raça de que eles derivam tem, para sempre, impressa no coração a súplica do Mestre divino, quando nos ensinou a rezar: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido»!

(13-4-46)

SAÚDE DOS ENFERMOS

ESTAMOS em plena comemoração do terceiro centenário da proclamação de Nossa Senhora da Conceição como padroeira do Reino de Portugal, pois foi a 25 de Março de 1646 que el-Rei D. João IV publicou a célebre provisão em que declarou a Imaculada Conceição nossa padroeira.

Apesar de, só há três séculos, o Rei restaurador ter decretado a nossa vassalagem a Maria Santíssima, apesar de só no século XIX (8-XII-1854), a Santa Madre Igreja ter definido o dogma da Imaculada Conceição, a devoção por Maria Santíssima foi sempre muito intensa, desde que surgiu, há oito séculos, o Reino de Portugal.

Mas, antes de D. Afonso Henriques, já tal devoção era corrente neste abençoado território.

Com efeito, já no tempo de Afonso o Sábio, nas cantigas de Santa Maria, já Nossa Senhora era venerada pelos habitantes da Península Ibérica.

Afirma-se na lenda do *Monge e o passarinho* :

«Quen a Virgen ben servirá
a paraiso irá».

Desde então, foi constante essa devoção.

«Na era de 1506, estãdo o Reino mui enfermo de peste & de fames», um dos poetas do Cancioneiro de Garcia de Resende implorava a Nossa Senhora:

«Por tua grande cremêcia,
ó rainha angelical,
pide ao rei celestial
qu'alevante a pestelencia
e fames de Portugal».

Como é parecida essa prece com os cânticos que, 400 anos depois, dirigimos a Nossa Senhora da Fátima!

Descobri há pouco um manuscrito precioso, que nos confirma como foi constante, na nossa terra, a devoção por Maria Santíssima.

Esse livro, começado a escrever em 1614, em pleno domínio dos Filipes, encerra os estatutos da Irmandade de N. S. da Conceição, outrora instalada no Convento de S. Francisco, na cidade do Pôrto.

Numa reforma dos estatutos, de 1671, fala-se dos irmãos da *Virgem Imaculada*.

O Convento de S. Francisco, um dos mais belos monumentos do Norte de Portugal, sofreu grandes calamidades no tempo das invasões francezas, nas lutas liberais e noutros movimentos revolucionários.

Não sei se ainda ali haverá vestígios da velha irmandade de N. S. da Conceição. Como quer que seja, aproveito a ocasião para lembrar a piedosa devoção dos franciscanos.

A estas pobres palavras fica reduzido o muito que querería dizer em louvor e acção de graças à Virgem Santíssima Senhora Nossa.

E não me despeço dEla, sem esta súplica:
Saúde dos enfermos : rogai por nós!

(13-5-46)

CRIME E CASTIGO

QUANDO a gente chega a velho, gosta de recordar os episódios da remota infância.

Li há anos, com grande emoção, as *Confissões* de Santo Agostinho, e convenci-me de que, nem de longe, poderia imitar-se a grandeza do famoso Doutor da Igreja.

São inimitáveis as suas virtudes; mas, pelo contrário, os defeitos humanos que ele tem a coragem de confessar, do tempo em que ainda não era santo, tais defeitos são comuns a qualquer mortal.

Se não me engano, foi nas *Confissões* que li a narrativa de uma criancice de Santo Agostinho. Quando rapaz, o grande Santo gostava de assaltar o quintal de um vizinho, para colher fruta, apesar de a possuir muito melhor no seu próprio pomar...

Quando eu era rapaz, fiz coisa semelhante: Que Deus me perdoe, como perdoou ao grande Santo!

Eu gostava muito de nêsperas, fruto muito áspero, fortemente adstringente, que não era então, nada vulgar, nem hoje é.

Uma nossa vizinha, a Mariquinhas da Granja, possuía no seu quintal uma vigorosa nespereira, a maior que eu tenho visto, a qual estendia os ramos por cima de um penedo fortemente convexo. Certo dia, com vários companheiros de infância, resolvemos assaltar a nespereira da Granja. Recordo-me bem, tinha eu menos de dez anos, lembro-me bem de trepar ao penedo, deitar-me sobre ele, e encher os bolsos das apetecidas nêspêras...

Eis senão quando, foram descobertos os assaltantes, e partimos todos a fugir, com os bolsos cheios.

Ao chegar a casa, passei horas de terror, a ver quando a vizinha assaltada vinha queixar-se do desacato. Temia o castigo de meus Pais, e temia muito mais o desgosto que lhes causaria demonstrando a minha rebeldia aos sãos preceitos educativos que eles pretendiam inculcar-me.

Debalde esperei, horas e horas, a vingança da vizinha.

O desforço da senhora da Granja chegou enfim: uma criada, certamente a que descobriu o assalto à nespereira, entregou à minha querida Mãe uma cestinha de nêspêras, *para os meninos*.

Durante a minha juventude, nunca recebi, com certeza, lição tão proveitosa!

O SONHO

PARA tentar compreender a tragédia dos tempos modernos e para reforçar a esperança da possibilidade da volta de melhores dias, parece-me indispensável recuar em espírito até alguns séculos antes da vinda à terra de Nosso Senhor Jesus Cristo, até aos tempos calamitosos do cativo da Babilónia.

Nesses tempos, Nabucodonosor, rei babilónico, cercou Jerusalém e reduziu o povo judaico à mais cruel escravidão.

Pouco depois, o tirano teve um sonho aflitivo e exigiu que os sábios o interpretassem. Havia então muitos sábios, quase tantos como os vinte mil que foram assistir à experiência da bomba atómica. Mas, tantos sábios babilónicos falharam desastrosamente, e o rei, para conhecer o significado do sonho, teve de recorrer à sabedoria de um jovem cativo judeu, chamado Daniel.

Eis como o profeta explicou o sonho real: «Tu, ó rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma grande estátua; e esta estátua grande e de altura extraordinária estava de pé diante de ti

e o seu aspecto era espantoso. A cabeça desta estátua era de ouro finíssimo; porém o peito e os braços eram de prata; o ventre e as coxas eram de cobre; as pernas eram de ferro; uma parte dos pés era de ferro e a outra de barro. Estavas a olhá-la, quando uma pedra se despreendeu de um monte, sem intervirem mãos, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e de barro, e a fez em pedaços. Então se quebraram a um tempo o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidas a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio; e não ficou nada deles» (*).

Continuemos a ouvir o profeta:

«Todas estas coisas aconteceram ao rei Nabucodonosor. Ao cabo de doze meses, passeava ele no palácio de Babilónia e começou a falar deste modo: Não é esta aquela grande Babilónia que eu edifiquei para capital do meu reino, com a força do meu poder, e com a glória da minha majestade? E não tendo ainda o rei acabado de proferir estas palavras, veio do céu esta voz: Eis o que te é anunciado, ó rei Nabucodonosor. O teu reino ser-te-á tirado, expulsar-te-ão do meio dos homens, e a tua habitação será com os animais e as feras, comerás feno como boi, e sete tempos passarão por cima de ti, até que reconheças que o Altíssimo domina sobre o reino

(*) Daniel, II, 31-35.

dos homens e dá-o a quem lhe apraz. Na mesma hora foi cumprida esta palavra na pessoa de Nabucodonosor, e foi expulso do meio dos homens, e comeu feno como boi, e o seu corpo foi molhado com o orvalho do céu; de sorte que lhe cresceram os cabelos como as plumas das águias, e as suas unhas tornaram-se como as das aves » (1).

Aguardemos que se cumpram, outra vez, as profecias.

Desta vez, há uma diferença: a estátua da visão do *grande* da Babilónia tinha a cabeça de ouro, o peito de prata, e só os seus pés eram de barro.

A de agora não tem nada de ouro, nem de aço, nem de qualquer outro metal. E' toda, no corpo e na alma, de simples barro, de lodo humilde, de lama vil.

Esperemos que se cumpra de novo a profecia de Daniel e que possamos dizer como os mancebos que escaparam do fogo da fornalha:

«Vós, homens religiosos, bendizei todos o Senhor, o Deus dos deuses;
louvai-o e rendei-lhe acções de graças;
porque a sua misericórdia permanece por todos os séculos » (2).

(13-VIII-46)

(1) Daniel, IV, 25-30.

(2) Daniel, III, 90.

The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the world, from the beginning of time to the present day. The author discusses the various civilizations that have flourished on the earth, and the progress of human knowledge and art. He also touches upon the political and social changes that have shaped the course of history.

In the second part, the author turns to a more detailed examination of the scientific discoveries of the modern era. He explores the principles of physics, chemistry, and biology, and discusses the impact of these discoveries on human society. He also touches upon the development of modern technology and the challenges it presents.

The third part of the book is devoted to a study of the human mind and its powers. The author discusses the nature of intelligence, the process of learning, and the development of the individual. He also touches upon the various theories of psychology and the role of the environment in shaping human behavior.

The final part of the book is a study of the future of the world. The author discusses the various theories of the future, and the challenges that will be faced by humanity in the years to come. He also touches upon the role of the individual in shaping the future, and the importance of education and moral values.

EXPANSÃO DA FÁTIMA

DURANTE a primeira grande guerra, desenvolveram-se na Fátima sucessos prodigiosos, que deram origem a vasta literatura, nacional e estrangeira.

Ao princípio, tratava-se de cenas de intenso misticismo, localizadas em certa região quase deserta dessa luminosa Província da Estremadura, onde a gloriosa história de Portugal da primeira e da segunda dinastias está documentada para sempre nos monumentos da Batalha, Alcobaça, Tomar, Nazaré... A esses poemas de pedra, junta-se, no actual século, o Santuário da Fátima. Centro de piedosas manifestações à inclita padroeira do Reino de Portugal e seus domínios, em breve se tornou Fátima um instrumento da mais alevantada missão de Portugal — dilatar a Fé e o Império.

E' forçoso notar que a um estrangeiro se deve a ideia de aproveitar em sentido tão português o venerando Santuário — o ilustre sacerdote italiano Rev. De Marchi, que decidiu lançar a ideia da fundação, na Cova da Iria, de um Seminário de Missões Ultramarinas.

Para a grandiosa Fundação, o Padre De Marchi colaborou enriquecendo a bibliografia da Fátima com as belas edições do «Seminário das Missões de Nossa Senhora da Fátima — Cova da Iria».

Entre elas, citarei o formosíssimo volume intitulado «Era uma Senhora mais brilhante que o sol...», ainda há pouco editado e creio que já quase esgotado pela segunda vez.

Faz grande impressão a leitura desse livro, mesmo aos que já conhecem a vasta literatura ácerca da Fátima. Faz grande impressão, porque não é nada vulgar o estilo do autor. Apesar de estrangeiro, o P.^o De Marchi conhece muito bem a língua portuguesa e tem uma extraordinária cultura: é um verdadeiro psicólogo quando escreve a maneira de ser da gente com quem conviveu: é um consumado etnógrafo quando fala dos costumes dos serranos da Fátima; com que admirável finura ele trata do clero demasiadamente prudente do tempo das Aparições, das brutas autoridades da república, dos carbonários selvagens de Santarém!

O P.^o De Marchi está prestando grandes serviços a Portugal. Comparo-o a um seu conterrâneo ilustre do começo do século XVIII: o médico Bernardo Santucci, que foi contratado pelo Rei D. João V para vir ensinar Anatomia em Lisboa e que escreveu o primeiro compêndio

publicado em Portugal sobre tal ciência, elaborando uma nomenclatura que ainda hoje usamos.

Estrangeiros destes honram a nossa terra e a terra de onde provêm.

(13-IX-46)

A FOME

JÁ por outras vezes me tenho ocupado do triste assunto; mas, como a filha dilecta da guerra mantém ainda grande actualidade, voltarei hoje a referir-me a ela.

Foi criado, há poucos meses, na Faculdade de Medicina de Paris, um novo ensino intitulado — *Cadeira dos Problemas Alimentares*. O novo professor, na sua lição inaugural, tratou largamente da situação do mundo, depois da catástrofe das últimas guerras. A seguir à primeira delas, estalou entre os vencidos a *doença da fome*, que vitimou um milhão de pessoas em 1919, só na Alemanha e na Áustria, não falando nas nações circundantes, onde o caso foi ainda pior. Depois disso, na Rússia e na China, a mortalidade pela fome foi muito mais grave (1922-1923). A guerra civil de Espanha (1937-1938) levou mais de um milhão de pessoas, mais pela falta de alimentação do que em combate.

Na última guerra universal, a catástrofe foi muito mais grave.

Apesar do mercado negro, que só pôde acudir às pessoas abastadas, a mortalidade dos velhos

em França foi pavorosa, por deficiência de alimentação.

O mesmo sucedeu na Itália, na Holanda, na Jugoslávia.

Na Grécia, cuja população regula pela nossa, ao estalar a fome, alguém telefonou ao Governo: mande-nos pão, ou, não podendo ser, mande-nos caixões de defuntos. E, em cinco anos, morreram ali de fome 150.000 pessoas.

No fim da guerra, tanto na Rússia como na Alemanha, a ração alimentar veio para metade, e, nos campos de concentração, chegou a não haver nada que comer. Foi, por vezes, tal o desespero, que aqueles desgraçados comiam a carne dos seus companheiros que iam sucumbindo.

Se as duas grandes guerras vitimaram dezenas de milhões de indivíduos, é preciso não esquecer que a insuficiência de alimentos matou mais gente que as espingardas. Acabou há um ano a guerra, mas a fome persiste em mais de metade da população. E' preciso intensificar a produção dos géneros alimentícios, regularizar os transportes, baratear os produtos da terra.

Graças a Deus, apesar da nossa fraqueza, constituímos uma excepção nesta época tão calamitosa, pois não nos tem faltado *o pão nosso de cada dia*. Continuemos a conquistá-lo com o nosso trabalho persistente.

Mas é preciso que seja considerada como a primeira, a mais útil das classes da sociedade, a classe dos lavradores. Quanto lhe devemos, e com que injustiça a temos tratado!

(13-XI-46)

XXIII

NATAL

QUANDO se aproxima o mês do Natal, o meu espírito é muitas vezes transportado aos tempos da minha recuada infância.

Vejo, em espírito, meu querido pai ajoelhado aos pés da cama, todas as noites, a recitar as suas lindas orações, em frente de uma bela imagem do Crucificado. Que pena eu tenho de não ter coligido as orações que meu pai recitava todas as noites, antes de repousar das suas canseiras! Estou cada vez mais convencido que meu pai foi muito mais feliz, por saber rezar melhor...

Oriundo da beira-mar, não se esquecia de pedir a Deus, todas as noites, que não nos faltasse com os frutos do mar e da terra, que protegesse os que andavam sobre as águas do mar, que tivesse no eterno descanso os seus parentes e os seus amigos que o tinham precedido nos mistérios da morte... Recitava a oração do Justo Juiz de Nazaré e o canto sublime da *Magnificat*. Parece que estou a ouvi-lo exprimir com impressionante convicção:

«Manifestou o poder do seu braço; Dissipou

aqueles que se orgulhavam nos pensamentos do seu coração.

Depôs do trono os poderosos,
e elevou os humildes.

Encheu de bens os famintos,
e despediu vazios os ricos».

Parece-me que, depois que Maria Santissima, há dois mil anos, pela primeira vez glorificou o Senhor com tão excelsas palavras, nunca elas se mostraram tão verdadeiras como agora.

Com efeito, veja-se o destino dos *poderosos* de há meia dúzia de anos: nunca tantos *grandes* foram, em tão breve tempo, apodrecer nos cemitérios e nas prisões.

Vem aí o Natal. Esperemos que se aplaque mais uma vez a ira de Deus e que Ele perdoe, mais uma vez, os grandes crimes da perversa humanidade.

E que nós, como os pobres pastores, não tenhamos nada que temer, quando apareça a multidão da milícia celeste, de que fala o Evangelho segundo S. Lucas, a dizer: «Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens, de boa vontade».

(13-XII-46)

A PENICILINA

QUANDO, em fins do século passado, frequentava os primeiros anos de medicina, interessei-me tanto pela bacteriologia, que o meu professor nomeou-me aluno interno do Laboratório das clínicas, encarregando-me de olhar pela colecção de culturas de micróbios patogénicos.

Numa estufa quente, estavam numerosos tubos onde viviam, em caldos de cultura, colónias de agentes de muitas doenças infecciosas.

De vez em quando, essas colónias microbianas gastavam as provisões de alimentos, e era preciso passá-las para novos tubos de cultura.

A's vezes as culturas novas não pegavam.

Ao lado das colónias de micróbios patogénicos, surgiam colónias de bolores, que inquinavam as culturas daqueles agentes de doenças, e não os deixavam desenvolver.

Isto estava à vista dos olhos de toda a gente — professores, estudantes e empregados menores dos laboratórios. Todos viam que os bolores, dentro desse tubo de vidro, não deixavam viver as bactérias produtoras de doenças.

Mas foi preciso aparecer um homem de gênio para formular a seguinte pergunta: se os bolores não deixam desenvolver as bactérias patogénicas dentro de um vidro, não terão a mesma propriedade dentro do nosso corpo?

Daí nasceu, ao cabo de inúmeras pesquisas, a penicilina, maravilhoso remédio, do qual já me ocupei nestas «Palavras» («Voz da Fátima» — 13-VII-44, Vol. II., pág. 163).

Desde então, muito se tem estudado o famoso medicamento, muito se têm fixado os casos em que a sua acção é quase certa. No princípio, a penicilina era aplicada a torto e a direito, sem se saber ao certo em que doenças ela era eficaz, e quais aquelas em que a sua acção era nula. Ao contrário de outros medicamentos modernos de grande valor (sulfamidas), mas que não podem ser empregados em pessoas que sofrem dos rins ou do fígado, a penicilina parece que pode dar-se, sem inconveniente, a toda a gente e produz efeitos maravilhosamente curativos em muitas doenças agudas microbianas (pneumonias, meningites, infecções puerperais, infecções cutâneas, peritonites, antrazes, feridas infectadas, etc).

Ao contrário do que se anunciava prematuramente, a penicilina não dá resultado no tratamento das febres tifóides, da gripe, da tuberculose, nas sezões, na paralisia infantil, no cancro, etc.

Como sucede com todos os medicamentos, velhos ou novos, só o clínico assistente deve ser juiz a respeito da oportunidade, das doses e do modo de aplicação do novo e brilhantíssimo remédio.

(13-I-47)

A LIMPEZINHA

JÁ por várias vezes, nestas humildes «Palavras», me tenho occupado do mecanismo do contágio das doenças infecciosas.

Interessei-me, há pouco, por uma criança affectada de tétano, menina filha de pessoas que estão ao meu serviço; e impressionou-me de tal modo o estado da pobre pequenita, que resolvi dedicar este artigo à terrível doença.

O tétano é causado por um micróbio que vive habitualmente no intestino do cavallo.

A terra onde caia excremento desse animal pode, portanto, estar contaminada pelo bacilo do tétano.

Se uma ferida, grande ou pequena, ou uma simples escoriação ou picada de um pé ou de outras partes do corpo se sujar com terra naquelas condições, não havendo as cautelas precisas, pode declarar-se o tétano, que é uma das doenças de mais trágicos sintomas.

Acantonado o bacilo do tétano numa feridinha qualquer, começa a produzir uma toxina, que affecta logo os nervos. Imediatamente, o contagiado fecha a boca, contraíndo-se os mús-

culos motores do queixo, que nunca mais pode mastigar.

Depois, contraem-se os músculos da nuca, e o doente, de riso sardónico, não pode mais voltar a cabeça.

Depois, a peçonha tetânica afecta os músculos das costas e dos membros, e o pobre doente fica imóvel na cama, com o aspecto de um arco, apoiado na cabeça e nos pés.

Quando a toxina do micróbio afecta os músculos respiratórios, eles contraem-se para sempre e o ar não entra mais nos pulmões, morrendo o doente abafado.

Isto era o que sucedia a quase todos os doentes de tétano, quando eu me formei em medicina, há perto de meio século.

Hoje as coisas mudaram muito, e é vulgar obter a cura dos afectados de tétano.

Mas, para isso, é preciso fazer o tratamento em grandes hospitais, bem dotados de pessoal e de meios materiais, que são caríssimos.

Por isso, empregue-se a regra: «Mais vale prevenir do que remediar».

E o tétano previne-se, afastando-nos o mais possível da terra conspurcada.

Alimentos que possam ter tido contacto com ela, como os morangos, a alface, os agriões, lavem-se bem antes de se levar à boca.

Qualquer escoriaçãozinha das gengivas pode servir de porta de entrada.

O corpo deve andar sempre bem lavado, e os pés nunca deverão andar descalços. Qualquer ferida, por mais insignificante que seja, deve desinfectar-se, com um bocado de álcool, por exemplo.

Estas noções deviam andar na boca de todas as pessoas que têm o encargo da educação popular, na igreja, na escola primária, na Casa do Povo.

Quem souber o que é o tétano e como ele pode ser evitado, decore e cumpra este preceito: «A limpezinha, Deus a amou».

(13-III-47)

A POMBINHA VAI VOANDO

NA recente peregrinação da veneranda imagem da Cova da Iria até além da capital do Império, um dos episódios, que mais emocionaram os portugueses, foi a terna companhia que algumas pombas fizeram a Nossa Senhora da Fátima.

Quem conhece a habitual timidez da pomba, não pode conceber que, dias e noites seguidas, se acolhessem aos pés da sagrada imagem algumas pombas, que não se assustaram com o ruído, os cânticos e as preces das multidões, que não se assustaram com as girândolas de foguetes, nem com as ondas de pétalas que choviam sobre a imagem sagrada.

Tanto impressionou a tenacidade, digamos, a devoção das pombinhas, que o próprio Eminentíssimo Cardeal Patriarca as tomou para tema da sua luminosa Mensagem do Natal passado.

Não se tratava, somente, de uma narrativa poética, de uma tradição antiga, como a dos passarinhos que ouviram, com a maior atenção, a prédica sublime de S. Francisco de Assis.



Não se tratava do milagre do maior santo português, Santo António a prègar aos peixes.

Trata-se dum milagre actual, que toda a gente viu, espantada: algumas pombas acolhidas à protecção de Nossa Senhora da Fátima, avezinhas que perderam a habitual timidez e resistiram a todos os ruídos populares, que não se deixavam intimidar pelas chuvas de flores que caíam sobre elas, que nem as explosões das bombas dos foguetes conseguiram desviar dos pés da Virgem Santissima da Fátima.

Não foi preciso este exemplo para que o bom povo português aceitasse a possibilidade do milagre.

Li, há pouco, numa velha canção dos Reis Magos, que o nosso povo muito bem conhece, uma referência muito a propósito.

A loa do Natal intitula-se «A pombinha», e é composta de doze belas quadras populares, das quais destaco as seguintes:

«A pombinha vai voando,
Voando vai, à porfia,
A ver quem chega primeiro
Aos pés da Virgem Maria».

«A pombinha vai voando,
Voando vai, à porfia,
Vimos cantar-vos os Reis,
Pois é hoje o seu dia...»

«A pombinha vai voando,
Voando vai, à porfia ;
Viva o senhor desta casa,
Mai-la sua companhia!»

Quem meditar na primeira quadra desta loa dos Reis, há-de supor que ela foi criada pelo povo depois da peregrinação da sagrada imagem de Nossa Senhora da Fátima. Mas, realmente, este cântico dos Reis Magos seria escrito séculos atrás.

Que desconhecido episódio lhe daria origem ?

O que é verdade é que o nosso povo cantava há muito :

«A pombinha vai voando,
Voando vai, à porfia,
A ver quem chega primeiro
Aos pés da Virgem Maria»...

(13-IV-47)

CIÊNCIA E FÉ

HA meio século, era costume os estudantes dos cursos superiores lerem certos livros de falsa filosofia, em que pretendia demonstrar-se que eram incompatíveis as crenças tradicionais com a ciência, cujos progressos eram fulgurantes. O maior desmentido que tiveram essas ideias foi a vida e a morte dum dos maiores génios da Humanidade, o químico Luís Pasteur, que, não sendo médico, produziu, com a sua obra, a maior revolução científica que a medicina tem sofrido desde Hipócrates. Depois do seu prodigioso labor científico, Pasteur, recusando as honras do panteão dos homens célebres, uma bela igreja profanada de Paris, preferiu repousar para sempre à sombra da Cruz redentora, na cripta do Laboratório onde tão grandes coisas produziu.

Quem visitar Paris não deve deixar de ir ver o templo da Ciência que é o Instituto Pasteur. Será um contraveneno contra as futilidades da Cidade-Luz, contra as irreverências e as imoralidades que dali irrompem a cada passo.

Tão grande foi a lição de Pasteur, que não

se limitou à transformação completa da medicina preventiva: também pelo lado moral se notou uma remodelação completa do pensamento dos sábios.

Estou a lembrar-me da obra sublime do saneamento do Rio de Janeiro. Esta cidade não passava, há meio século, duma pobre povoação de aspecto colonial, cuja população era permanentemente devastada pela febre amarela. Ainda me lembro de muitos companheiros da escola primária que, atraídos pela ambição da riqueza, iam para o Brasil, e ali morriam da febre amarela, mal desembarcavam.

Pois essa terra, perigosamente insalubre há sessenta anos, é hoje uma das maiores, mais belas, mais ricas e mais populosas do mundo inteiro.

Os progressos da higiene, derivados das doutrinas de Pasteur, operaram a transformação portentosa.

Devemos, neste momento, recordar o nome do saneador máximo do Rio de Janeiro — o grande higienista Osvaldo Cruz, que fez naquela cidade o que outros tinham feito já no canal de Panamá e na ilha de Cuba; o extermínio da febre amarela, que hoje quase não passa de doença histórica.

O Professor Osvaldo Cruz era um sábio, da raça de Pasteur. Quando ele morreu, foram rebuscar a sua biblioteca, onde se arquivavam

preciosas e numerosíssimas obras sobre higiene e microbiologia. Mas sabem qual era o livro que Osvaldo Cruz tinha sempre à mão, o livro que o sábio saneador da cidade do Rio de Janeiro mais frequentemente manuseava?

Era um livrinho minúsculo, um dos maiores que em dois mil anos se escreveram: a «Imitação de Jesus Cristo».

Parece que o estou a ouvir ler:

«Amantíssimo e dulcíssimo Jesus, concedei-me que eu descanse em Vós só, acima de todas as coisas: acima de toda a saúde e formosura; acima de toda a glória e honra; acima de todo o poder e dignidade; acima de toda a ciência e subtileza; acima de todas as riquezas e artes, acima de toda a alegria e júbilo; acima de toda a fama e louvor; acima de toda a suavidade e consolação; acima de toda a esperança e promessas; acima de todo o merecimento e desejo.

Acima de todos os dons e graças que me podeis dar e infundir; acima de todo o gozo e júbilo, que a alma pode alcançar e sentir» (III, 21).

Estes sentimentos, estas ideias e aspirações tanto podem ser dum sábio como Osvaldo Cruz, como do humilde rabiscador destas *Palavras*.

(13-V-47)

A POESIA POPULAR

NUM livro publicado há pouco (Nossa Senhora em Portugal), regista-se a bellissima quadra popular:

«Duma flor nasceu a vara;
Da vara nasceu a flor;
Duma flor nasceu Maria,
De Maria, o Redentor».

Onde iria o poeta popular inspirar-se para criar esta maravilha?

Creio que poderei responder a esta pergunta. Entretive-me hoje a ler a profecia de Isaias, o mais eloquente de todos os Profetas, como o classificou o Rev. Matos Soares, douto comentador da edição, de que me sirvo, da «Biblia Sagrada».

Lê-se ali textualmente: «Uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emmanuel» (VII-14).

E mais adiante (Cap. XI):

«E sairá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz. E repousará sobre ele

o Espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade; e será cheio do espírito do temor do Senhor...»

No fundo da pág. 1552 do «Missal quotidiano e vespéral» de Dom Gaspar Lefebvre, encontra-se uma linda vinheta que representa a raiz, a vara e a flor da árvore de Jessé, de onde emana a Virgem Maria e o Seu bendito Filho.

Lembro-me de ter visto, em tempo, na monumental igreja de S. Francisco, a mesma irradiação simbólica da árvore de Jessé.

Vê-se, portanto, que o nosso povo, ao criar aquela quadra tão formosa, se baseou no texto do Profeta Isaías.

«Duma flor nasceu a vara,
Da vara nasceu a flor»

não é mais que a tradução quase literal de Isaías: «E sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz».

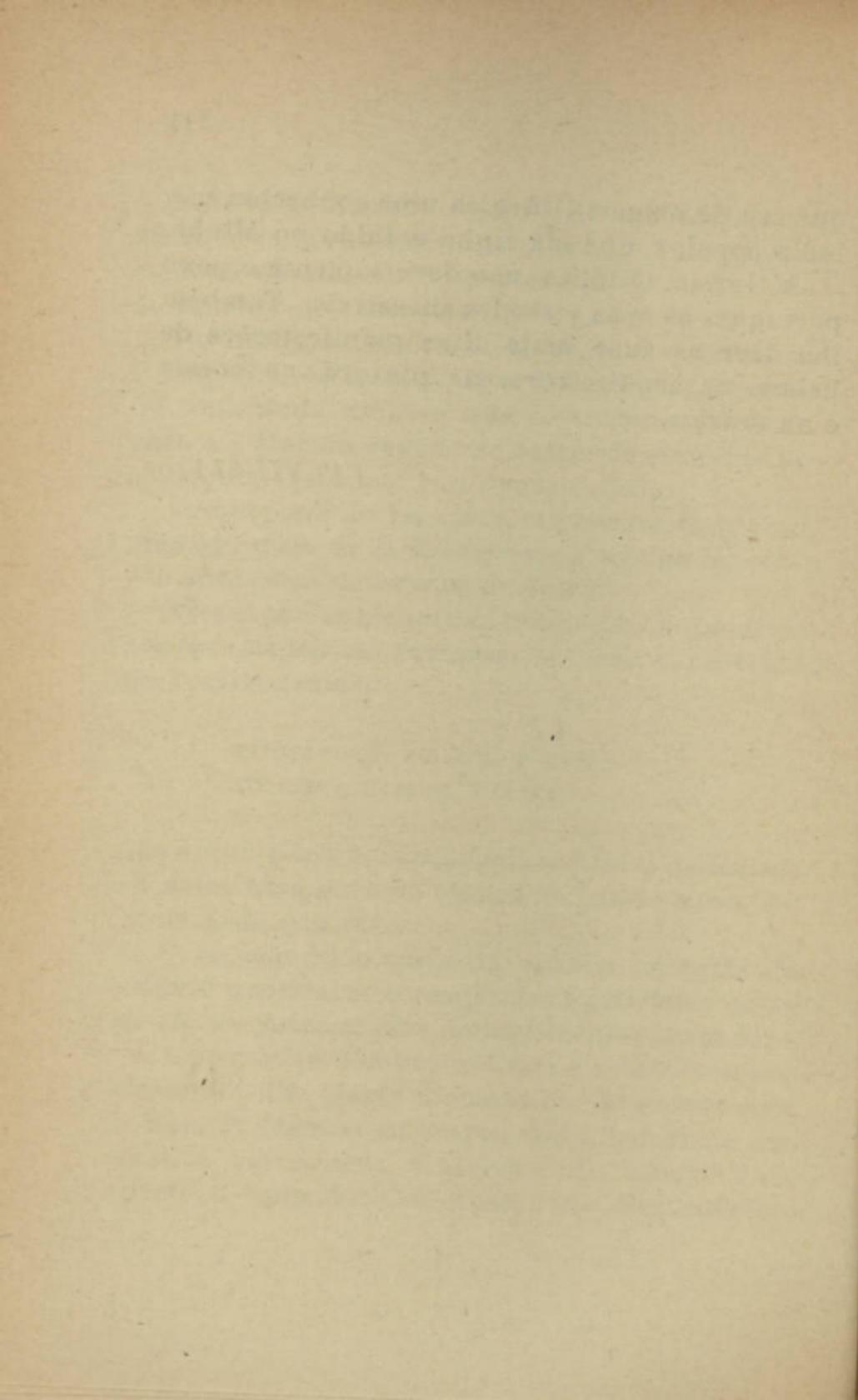
O mesmo diz o texto da vinheta referida do «Missal quotidiano e vespéral»: *Egredietur virga de radice Jesse et flos de radice ejus ascendet.*

A propósito, lembro-me que a minha sempre chorada Filha Maria Clementina, de acordo com o Rev. P. Manuel de Faria, hoje licenciado em música sacra pela Universidade Gregoriana, mostrou, num dos Congressos dos Centenários,

que era de origem litúrgica uma conhecida melodia popular, que ela tinha colhido no Minho.

A' Igreja Católica não deve sòmente o povo portugûês as suas virtudes ancestrais. Também lhe deve as suas mais altas manifestações de beleza, na architectura, na pintura, na poesia e na música.

(13-VII-47)



XXIX

TODAS AS GERAÇÕES me chamarão Bem-aventurada

ASSIM se exprimiu a Virgem Maria, no «canto de alegria mais sublime que saiu dos lábios de uma criatura», como chama à *Magnificat* um comentador da Bíblia Sagrada. Assim respondeu à saudação de sua prima Santa Isabel: «Bendita és tu entre todas as mulheres!» (S. Lucas, I).

Há perto de dois mil anos, quantas gerações passaram à face da terra? E não houve nenhuma que desobedecesse à profecia de Maria Santíssima.

Todas lhe têm chamado Bem-aventurada, em todos os tempos e em todos os lugares. Quando as Suas benditas palavras foram pronunciadas, há vinte séculos, a Península Ibérica não passava de longínqua e ignorada província romana. Mal atingiu a maioridade, os nossos antepassados fundaram o Reino de Portugal, que, desde Afonso Henriques, ficou sendo a «terra de Santa Maria».

Já lá vão oitocentos anos, e, cada vez mais, se ajusta melhor tal designação à nossa querida

Pátria. Já lá vão oito séculos, e todas as gerações que se têm sucedido prestaram homenagem à Virgem Mãe de Deus. Desde Ourique até à Fátima, de quantos milagres é tecida a gloriosa história de Portugal!

Os acontecimentos da Fátima exaltaram a nossa fé durante a primeira guerra mundial e preservaram-nos dos horrores da segunda.

Tornou-se conhecido o privilégio da Nação fidelíssima, e, agora, das cinco partes do mundo, acorrem à Cova da Iria meninas católicas a suplicar à Virgem da Fátima que estenda por toda a parte as suas bênçãos, de modo que a verdadeira paz venha a reinar.

Ouvi ontem pela rádio a narração da imponente cerimónia da recepção no Mosteiro da Batalha das peregrinas de mais de vinte nações. Também ouvi à noite as saudações à Virgem das representantes de toda a parte.

Poucas vezes, na minha já longa vida, senti tanta comoção, assistindo em espírito às imponentes cerimónias.

Mas confesso que o que me impressionou mais foi a mensagem da menina russa. Não entendi nem uma palavra, mas a minha alma compreendeu o anseio daquele povo tão pervertido pelas ideias de falsos apóstolos, tão maltratado por ferozes tiranos, tão vilipendiado pelas reuniões de minúsculos homens «Grandes».

Associo-me à oração da peregrina Natacha,
implorando o regresso da Rússia e do mundo
inteiro à soberania de Cristo.

(13-VII-47)

QUEM TE FEZ CONHECER QUE ESTAVAS NU?

TODA a glória da Nação portuguesa provém das portentosas navegações iniciadas pelo Infante D. Henrique. Delas data o princípio de uma era nova da história do mundo. A navegação era à vela e cometeu grandes prodígios. Mas à custa de que tragédias? Prevendo a história trágico-marítima, proclamou Camões:

Óh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas velà pôs em seco lenho!

Às caravelas sucedeu a navegação a vapor, que, ao lado de tantos benefícios, castigou com tantos desastres a soberba humana.

Em terra, o caminho de ferro e o automóvel. Quantas vítimas tem causado esse progresso mecânico! Depois, o homem aprendeu a voar. E, na guerra, as máquinas voadoras levaram a destruição e a morte a milhões de pessoas. Ainda na chamada paz, vejam diariamente nos

jornais quanto custa aos homens a sua falsa ascensão ao céu...

Com o seu talento, o homem inventou a pólvora. Até hoje talvez fizesse mais mal do que bem a descoberta. Depois aperfeiçoaram-se os explosivos: veio a dinamite escavar o mundo. O seu inventor enriqueceu; mas, no seu belo testamento, quase confessa envergonhar-se do seu génio inventivo.

Depois, vem a bomba atómica, que ameaça acabar com o mundo. Antigamente dizia-se que o átomo era porção indivisível da matéria. Pois o homem encontrou nessa porção minúscula da substância um turbilhão de forças de espantosa energia.

Descobriram-se os Raios X, capazes de mostrar como o nosso corpo é por dentro. Logo os aplicaram no tratamento do cancro. Mas essa energia misteriosa tanto faz melhorar o estado de alguns cancerosos, como atea a doença nos que lidam com ela, e que, por isso, não raras vezes, têm de ficar com as mãos amputadas. Parece o castigo do mitológico Prometeu, que roubou o fogo do céu e que, por isso, foi preso e condenado a ter o fígado roído por um abutre...

Inventou-se o animatógrafo, divertimento que tanto tem contribuído para a desmoralização. Muito depressa, as torpezas exibidas no alvo passaram para os costumes dos espectadores...

O génio do homem descobriu as causas de

muitas doenças e aprendeu a combatê-las e a preveni-las.

Mas o poder do homem contra a morte é limitadíssimo e, pouco a pouco, apesar dos progressos da medicina, todos os homens, até os chamados *grandes*, vão parar à sepultura e o seu cérebro abarrotado de soberba, as suas mãos que tanto mal fizeram, e a sua língua, que proferiu tantas barbaridades, todo o seu corpo será pasto da mais vil bicharia.

Ensina o Génesis que Deus fez o homem à sua imagem. Mas o homem, revoltado contra Deus, inventou uma hipótese, que depois considerou um dogma científico, hipótese que o fazia derivar não das mãos de Deus, mas da transformação de um reles macaco. Não contente com essa degradação, inventou ainda a chamada psicanálise, que atribui todas as acções humanas às mais ignóbeis origens.

A soberba do homem foi mais uma vez castigada e é ele próprio que, ao sair do paraíso, repara na sua vergonhosa nudez.

«E o Senhor Deus chamou por Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso, e tive medo, porque estava nu, e escondi-me. Disse-lhe Deus: Mas quem te fez conhecer que estavas nu, senão o ter comido da árvore de que eu te tinha ordenado que não comesses?» (Genesis, III).

A serpente que induziu o homem ao pecado

foi calcada aos pés por Quem é bendita entre todas as mulheres.

E a soberba humana, castigada com a nossa pobre nudez, devia ter terminado com a tragédia do Calvário.

O que é preciso, para salvação nossa, nesta vida e na outra, é seguir, pontualmente, a Lei que nos deixou o Filho de Deus, que por nós morreu.

(13-IX-47)

MEDICINA COLECTIVA

UM dos pontos mais debatidos no recente Congresso Internacional dos Médicos Católicos foi «A Medicina individual e a Medicina colectiva».

Ilustres médicos nacionais e estrangeiros falaram das profundas transformações por que está passando a arte de curar. Infelizmente, não pude tomar parte na discussão, porque, há muito tempo já que passei de médico a doente.

Mas tive ensejo de assistir, durante largos anos, às transformações da classe médica e à sua crescente adaptação às exigências dos tempos modernos.

Do meu isolamento, vou apreciando os acontecimentos e desejo aproveitar esta tribuna para dizer algumas palavras, sobre o que penso desta revolução da deontologia médica e das suas conseqüências para a medicina, para o médico e para os doentes.

Eu venho do tempo em que as famílias tinham um director espiritual, que as guiava no cumprimento dos mandamentos da lei de Deus, e um médico livremente escolhido e invariável, que

era como que outro sacerdote, que acompanhava os seus clientes com os seus conselhos higiênicos, e que, na doença, não os largava mais até que os recursos da sua arte provocassem todos os efeitos benéficos possíveis, curando algumas vezes, aliviando muitas vezes, e consolando sempre. Na cidade e no campo, quantos beneméritos doutores conservavam ou restauravam a saúde dos seus doentes, tendo como único escopo o benefício deles?

Dizia-se no meu tempo de estudante que a Medicina era uma profissão e que a ela se deviam dedicar só os que pudessem pôr acima de interesses materiais o bem dos outros.

Era essa a diferença entre uma profissão como a medicina e um ofício ou modo-de-vida, cuja aspiração era apenas ganhar dinheiro. E' claro que os médicos tinham de viver com o produto do seu trabalho. Não se podiam comparar com os médicos anargiros S. Cosme e S. Damião.

Mas estavam longe de ter como aspiração suprema fazer dinheiro, como um torpe negociante do mercado negro.

E' uma grande verdade que há doentes, não há doenças. Cada pessoa reage de modo especial quando é affectada por um processo mórbido. Por isso, o médico não deve estudar apenas a patologia e a terapêutica: acima de tudo, deve estudar o corpo e a alma de cada doente.

Para isso, precisa de tempo. E carece também do estímulo que lhe dava outrora a sua nobre personalidade de médico e conselheiro das famílias.

Com o chamado progresso social, o médico perdeu, quase completamente, a posição que tinha desde Hipócrates.

As associações de socorros, as companhias de seguros, as Casas do Povo, os Sindicatos, as fábricas, todas as complicadas organizações sociais modernas apearam a classe médica do pedestal em que se apoiava e o médico, em regra, não é hoje mais que um funcionário público ao serviço do Estado; não é mais que um amanuense de repartição ou um agente de polícia com ordenado certo, funcionário que é imposto aos doentes, que, deste modo, não podem escolher livremente quem os trate.

Com este processo social, é forçoso reconhecer que não lucrou a medicina, nem os médicos, nem, principalmente, os doentes.

(13-X-47)

GOG E MAGOG

HÀ quarenta anos sucessivos que, no verão, me recolho num refúgio minhoto, a descansar das fadigas de um ano inteiro.

Trago sempre comigo, como bom cristão e bom português que desejo ser, um exemplar da «Bíblia Sagrada» e outro dos «Lusiadas». Não se imagina a consolação que dá ao meu fatigado espírito a leitura repousada de alguns versículos dos Testamentos velho e novo ou da obra genial de Camões.

Só essa leitura calmante me faz esquecer por momentos a tragédia da paz estúpida que nos preparam os «Grandes», tragédia a cada momento recordada pelos jornais e pela rádio.

Que admirável crítica às nações grandes, feita por Camões no Canto VII, a propósito da chamada Reforma religiosa, que tanto prejudicou a civilização cristã!

Parece que é de hoje a acusação aos «Alemães, soberbo gado, que por tão largos campos se apascenta»; ao «duro Inglês, que se nomeia Rei da velha e Santíssima Cidade»; ao «Galo indigno, que o nome Cristianíssimo quiseste, não para

defendê-lo nem guardá-lo, mas para ser contra ele e derribá-lo»; à Itália, «já submersa nos vícios mil e de ti mesma adversa»...

Não poderia hoje, talvez, falar-se com tão rude franqueza e verdade, porque talvez aparecessem censores mais exigentes do que Frey Bertholameu Ferreira...

Como faz bem à nossa alma, ler este confronto camoneano com os que não são e nunca foram grandes, como falsamente apregoam:

«Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pesais;
 Vós, que, à custa de vossas várias mortes
 A lei da vida Eterna dilatais:
 Assim do Céu deitadas são as sortes
 Que vós, por muito poucos que sejais,
 Muito façais na santa Cristandade,
 Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!»

Das estâncias consoladoras do Canto VII dos *Lusíadas*, sou transportado às obscuras profecias de Ezequiel, cuja interpretação tem sido impossível, porque ainda não chegou o tempo para o seu esclarecimento.

Contudo, parece-me que não devemos deixar de meditar nos vaticínios do profeta maior (Cap. XXXVII—XXXIX): «Filho do homem, volta o teu rosto para Gog, para a terra de Magog... e lhe dirás: eis que venho contra ti,

Gog... eu te levarei para onde quiser, e te porei um freio nos queixos, e te tirarei para fora, a ti e a todo o teu exército, aos cavalos e aos cavaleiros, todos cobertos de couraças, uma grande multidão de homens brandindo lanças, e embracando escudos, e empunhando espadas... Por isso tu, filho do homem, profetiza e diz a Gog... virás então do teu país, lá dos confins do aquilão, tu és muitos povos contigo, montados todos a cavalo, multidão imensa, exército poderoso. E dirigir-te-ás contra o meu povo de Israel como uma nuvem, de sorte que cubras a terra. Tu serás sobre ele nos últimos dias, e eu te farei vir sobre a minha terra para que as nações me conheçam quando eu for santificado em ti a seus olhos, ó Gog... E naquele dia, no dia da chegada de Gog à terra de Israel, diz o Senhor Deus, a minha indignação e o meu furor subirão. E falei no meu zelo e no fogo da minha ira. Porque naquele dia haverá uma grande comoção sobre a terra de Israel; e os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo e todos os reptis que se movem sobre a terra, e todos os homens que há sobre a face da terra tremerão diante da minha face; e os montes serão deitados abaixo e cairão os cavalos, e todas as muralhas cairão por terra... Eis-me aqui contra ti, ó Gog... eu te levarei para onde quiser, e te tirarei para fora, e te farei vir das bandas do aquilão... e te quebrarei o arco na

tua mão esquerda e farei com que te caiam da mão direita as tuas flechas... E enviarei fogo sobre Magog... E acontecerá naquele dia que eu darei a Gog em Israel um lugar célebre por sepulcro... e lá sepultarão Gog com toda a sua multidão de tropas... E eu estabelecerei a minha glória entre as nações».

Esperemos!

(13-XI-47)

LÁ VEM O SENHOR DOUTOR

NO princípio do século XIX, um célebre médico francês imaginou que todas as doenças eram devidas a inflamações, em que havia sangue de mais. Por isso, para tratar os doentes, era preciso tirar-lhes sangue.

Exagerou-se de tal modo o valor das emissões sanguíneas, que se afirmava ter o método de Broussais derramado mais sangue que as guerras de Napoleão.

Ainda me lembro de ouvir, muitas vezes, a alegre canção:

«Lá vem o senhor doutor
C'uma lanceta na mão...»

E quando ia a Braga fazer exames, lembro-me de ver ao lado do Liceu, no campo de Sant'Ana, um barbeiro, com uma tabuleta, que anunciava textualmente: «*Bixás de sangrar*».

A' excessiva terapêutica, seguiu-se uma reacção vinda da Alemanha: a homeopatia, que fazia exactamente o contrário.

As doenças eram tratadas com uns remédios tão fraquinhos, que pouco mais tinham do que água fria.

A meu ver, os remédios homeopáticos não serviam para nada; mas é forçoso confessar que curavam a pneumonia muito melhor que as sangrias.

Houve muitos médicos sérios que tratavam pela homeopatia. E ainda há hoje uma enfermaria homeopática no Hospital de Santo António, do Porto, e uma escola de medicina homeopática no Rio de Janeiro.

Durante a minha longa vida de médico tenho assistido ao aparecimento de centenas de remédios novos, que operavam maravilhas, e que pouco depois desapareceram das farmácias, por já não estarem na moda.

Hoje mesmo celebram-se as virtudes transcendentes de famosas drogas, que, dentro de alguns anos, desaparecerão como os vesicatórios, indispensáveis há meio século e que ninguém conhece hoje. Todos os dias os jornais contam prodigiosas descobertas feitas na América.

A acreditarmos nelas, os progressos da medicina tornariam, em breve, o homem imortal.

Precisamos de estar de sobreaviso contra tão falsas promessas.

Aconselha-nos a Sagrada Escritura a honrar os médicos, por serem muito precisos. Mas não esperemos deles mais do que eles podem dar.

A medicina progrediu muito, mas não tanto como geralmente se julga. Segundo me parece, a atitude do médico perante um doente não deve ser diferente daquela que, há quinhentos anos, tinha um cirurgião célebre, que, ao despedir-se dos clientes, dizia modestamente:

«Tratei-te: Deus te cure!»

(13-XII-47)

COISAS VELHAS

CONTA-SE que um velho rei espanhol aspirava à posse de quatro coisas velhas, para o consolar da sua decrepitude: lenha velha, para o aquecer; vinho velho, para beber; livros velhos, para ler; e amigos velhos, para conversar.

Chegado à decadência senil, apetece-me fazer o confronto do meu estado com o do velho rei de Aragão.

Mais feliz do que êle, não me faltam os raios benéficos do sol a banhar o meu gabinete de trabalho, quer na aldeia, onde passo o verão, quer na cidade, onde permaneço no inverno.

E quando a estação hibernal se torna mais insupportável, não preciso de ir, como o velho rei, aquecer-me à lareira, nas brasas ardentes da lenha velha. Tenho o aquecimento central, que, no século XX, leva, a todos os aposentos, o vapor de água a regular a temperatura do ambiente.

Vinho velho também não me falta, vinho verde excelente, o leite dos velhos que reconforta o corpo e a alma.

O que me falta, infelizmente, é a saúde indispensável para o beber na dose que eu desejava

sem comprometer o estado precário do meu sistema cárdio-vascular.

Livros para entreter os meus ócios, também possuo em abundância, e confesso que são os mais antigos os que mais me agradam.

O Antigo e Novo Testamento acompanham-me para toda a parte, satisfazendo os meus anseios de cristão, que desejava ser perfeito; do mesmo modo, me segue uma edição dos Lusíadas, cuja leitura me faz regressar ao tempo em que Portugal foi grande e ofuscava as glórias de todos os povos.

Não faltam na minha biblioteca as obras principais das literaturas clássicas, os livros fundamentais dos grandes escritores da Renascença, cuja leitura nos assombra, se compararmos a sua grandeza com a pobre inferioridade da literatura pretenciosa dos últimos tempos.

Tenho, pois, o sol bendito para me aquecer, o vinho alegre para me reconfortar, bons livros para alimento do espírito. Que me falta, pois?

Também o rei de Aragão queria amigos velhos para conversar. Se lhe aconteceu como a mim, os amigos velhos iriam rareando, tornando cada vez maior a solidão do pobre soberano.

Pode, com facilidade, obter-se o calor do corpo e do espírito.

O que não pode, mesmo que seja um rei, é substituir os velhos amigos, que a morte vai cru-

elmente levando, um a um, sem que possa haver
esperança de entravar a acção demolidora do
tempo.

(13-1-1948)

SE AQUILO QUE A GENTE COME...

TODOS os dias se ouve falar de doenças exquistas, cujas causas são difíceis ou impossíveis de averiguar.

O povo atribui-as, quase sempre, a defeitos de alimentação e creio que, muitas vezes, será assim.

O organismo humano habituou-se, há dezenas de séculos, a empregar certos alimentos, adaptou-se a eles e, agora, muito padece com o uso de novos produtos nutritivos, que a moda vai impondo.

Há anos, um humilde funcionário público meu amigo, que era muito católico, conseguiu ir numa peregrinação a Lourdes. Chegando ali, foi muito bem recebido, assim como os companheiros, na hospedaria em que se acolheu.

A' hora do jantar, porém, sentiu-se desalentado. A mesa era farta, mas aquele meu amigo não se dava com a cozinha francesa. Reparou o criado que o peregrino portuense não se servia, e substituiu o prato por outro. Mas não havia

maneira de agradar ao hóspede. Por último, disse ele, em tom de súplica: «Se me arranjasse um caldinho de couves, e um prato de arroz!»

Ao sacrifício da viagem, juntava-se a mudança inevitável do regime alimentar, a que estava habituado desde criança...

Uma ocasião, também em França, serviram-me, ao almoço, um prato condimentado a azeite. Estranhei-lhe o gosto, e perguntei se aquilo era, realmente, azeite. O criado disse-me que sim, mas eu insisti, dizendo que não tinha o gosto habitual. Por fim, disse-me o criado: «É azeite, mas não de oliveira; desse, só há em Espanha!»

Com a designação *Espanha*, queria o homem abranger toda a Península...

Pois aqui, há mais de dois mil anos, que a principal gordura que se usa na alimentação é o azeite de oliveira.

Agora, porém, vão-se utilizando, cada vez mais, óleos exóticos, aos quais ainda não nos adaptámos e, por isso, não sabemos se serão nocivos.

Toda a vida o pão de trigo era trigueiro, como lhe competia, e o pão nosso de cada dia era um alimento quase completo. Depois da guerra, começou a exigir-se que a farinha de trigo fosse branca como leite.

Que se lucrou com isso?

Já alguma coisa se averigou a respeito da

proscrição da farinha trigueira. A farinha alvíssima, chamada americana, adquire essa cor, depois de ser submetida a uma temperatura elevadíssima.

Fica mais bonita, sem dúvida, mas o seu uso tem inconvenientes.

Há tempo, fizeram-se, em Inglaterra, experiências com ela e verificou-se que alguns cães, alimentados exclusivamente com essa linda farinha branca, morreram envenenados, com graves perturbações nervosas.

Nós não somos cães. Mas devemos convencer-nos de que, se aquilo que a gente come fosse bem estudado, nós não daríamos tanto que fazer aos médicos.

(13-II-48)

ENDOCRINOLOGIA

QUANDO, há cerca de meio século, comecei a estudar medicina, ensinou-me o professor de anatomia que, no nosso corpo, havia uns órgãos chamados glândulas, que produziam certos líquidos, como a saliva e o fel, que tinham importância fundamental para a nossa vida.

Além dessas glândulas de secreção externa, havia outras, muito mal conhecidas então, e que se chamavam, por isso, *de natureza incerta*. O primeiro livro de medicina por onde estudei, tem a data de 1894 e chamava a esses órgãos glândulas vasculares sanguíneas. Ao estudo desses órgãos misteriosos, dedicava o compêndio de anatomia por onde estudei, nove escassas páginas.

Por acaso, vim a ser professor de anatomia durante algumas dezenas de anos e assisti ao extraordinário progresso das ciências morfológicas, naquele capítulo.

Se o livro por onde aprendi a estrutura dos órgãos *de natureza incerta* esgotava o assunto em menos de dez páginas, o compêndio que me

serviu de texto para o meu ensino (1930) ocupava mais de cem páginas com tal matéria.

Veja-se a amplitude dos progressos da anatomia macroscópica e microscópica, pelo que respeita às glândulas de secreção interna.

Tais progressos estenderam-se à fisiologia, quer dizer, ao estudo da maneira como trabalham esses órgãos, que também começaram a ser estudados nas suas doenças.

Certos órgãos do corpo do homem ou dos animais, começaram a empregar-se no tratamento de várias doenças (opoterapia). Basta citar alguns remédios extraídos do corpo do homem ou de certos animais, tais como a *insulina*, a *adrenalina*, a *tiroidina*, a *ovarina* e tantos outros.

E' tal o desenvolvimento dos nossos conhecimentos acerca da anatomia, fisiologia, histologia, patologia e terapêutica das glândulas de secreção interna, que ultimamente, se organizou uma nova especialidade clínica, denominada *endocrinologia*.

Os progressos da ciência têm sido colossais.

Infelizmente, nem todos esses progressos têm sido executados a bem da humanidade. Diz a Bíblia Sagrada que a *árvore da ciência* era do bem e do mal.

Efectivamente, é prodigioso o progresso das ciências nos últimos séculos: a física, a química

e a medicina têm levado o homem a grandes conquistas.

Mas lembremo-nos de que nem todas são benéficas para nós: ao lado das grandes vantagens que nos têm trazido as descobertas da mecânica, da química e da higiene, pensemos que, da árvore da ciência do bem e mal, pode surgir um cataclismo como o que nos fez perder o Paraíso Terreal, ou como o Dilúvio Universal...

(13-III-48)

XXXVII

O GANDHI

NO fim da via dolorosa de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois dos tormentos mais cruéis a que, na história do mundo, alguém foi submetido, conta o Evangelho segundo S. Lucas (XXIII, 33, 34):

«E depois que chegaram ao lugar que se chama Calvário, ali o crucificaram a ele e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda.

E Jesus dizia: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*».

Eu bem sei que Deus é um só e que tem um único Filho.

Bem sei que a Religião cristã é a única verdadeira e que nenhuma outra se lhe pode comparar.

Mas, nas minhas vastas leituras e nas minhas meditações de velho, tenho conhecido episódios, que se passaram no seio de indivíduos que pertencem a outras religiões, tenho conhecido idéias expostas por pagãos, as quais, segundo penso, deverão ser respeitadas, porque fariam honra a muitos cristãos.

A moral exposta, por exemplo, em obras de Cícero ou nos «Pensamentos» de Marco Aurélio é verdadeiramente sublime.

Vem isto a propósito da vida e da morte de Gandhi, o sacrificado profeta indiano. Como é sabido, há milhares de anos que a Índia não conhecia a independência. Dominada pelos povos da Antiguidade clássica, foi-o depois, durante largo tempo, pelos mouros.

Guiados pela Fé de Cristo, um punhado de Portugueses conseguiram, há perto de quinhentos anos, colocar sob o seu domínio centenas de milhões de indianos. Passada a grandeza dos descendentes do Gama e de Albuquerque, a Índia passou às mãos da Inglaterra, e os seus famosos reis tiveram o título de Imperadores da Índia.

Durante milhares de anos, como se vê, nunca os indianos sonharam na possibilidade de ser independentes.

Até que, perante o previsto colapso inglês, surgiu o mais célebre dos indianos, depois de Buda, e prègou a necessidade de conseguir a independência, isto sem luta física e sem violência.

E assim conseguiu o almejado fim, só com a força da sua palavra e com a fortaleza do seu jejum.

Quando o soberano inglês se preparava para depor a coroa imperial e para dar, pela primeira vez, a liberdade aos indianos, eis que o fanatismo

feroz de alguns deles lhe arremessa uma bomba explosiva e liquida o seu corpo quase espiritua-
lizado, com quatro tiros.

Mas, antes de morrer, ainda o Gandhi teve tempo de dizer, como o divino Mestre:

«Perdoem-lhes, porque não sabem o que fazem!».

(13-IV-1948)

SONHO DE DANIEL

A leitura da Santa Biblia leva-me, às vezes, a confrontar os acontecimentos de hoje com os que passaram há milhares de anos. Vou hoje resumir um capítulo da Sagrada Escritura (Daniel, VII), que muito me faz pensar.

Uma noite, em sonhos, teve o profeta Daniel uma visão, que ele mesmo narra assim: «Eis que os quatro ventos do céu pelejavam uns contra os outros no mar grande. E quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, saíram do mar. O primeiro era como uma leoa, e tinha asas de águia; quando eu estava olhando para ela, foram-lhe arrancadas as asas, e foi levantada da terra, e pôs-se sobre os seus pés como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. E vi outro animal semelhante a um urso, o qual tinha três ordens de dentes na sua boca... e vi outro que era como um leopardo, e tinha em cima de si quatro asas, como asas dum pássaro; e este animal tinha quatro cabeças e foi-lhe dado o poder... e eis que vi um quarto animal, terrível e espantoso e extraordinariamente forte; tinha uns grandes

dentes de ferro; devorava e despedaçava e calcava aos pés o que sobejava; era diferente dos outros... e tinha dez hastes...»

Mais adiante, continua o profeta Daniel, interpretando a sua visão por intermédio de Deus (o Ancião dos muitos dias): «Vi que o animal tinha sido morto, e que o seu corpo perecera e fora entregue ao fogo para ser queimado; vi também que tinha sido tirado o poder aos outros animais... Ele deu-me a interpretação destas visões e ensinou-me: Estes quatro animais são quatro grandes reinos, que se levantarão da terra...»

Esses grandes reinos da Antiguidade foram a Babilónia, a Pérsia, a Grécia de Alexandre Magno e a Roma dos Césares.

Esses «Quatro Grandes» desapareceram todos, apesar dos seus dentes de ferro, das suas garras aceradas, das suas múltiplas cabeças e da sua coroa de aguçados chifres. Toda a Antiguidade se desmoronou quando apareceu o Filho do homem.

«E todos os povos, tribos e línguas o servirão, diz o profeta Daniel. O seu poder é um poder eterno que lhe não será tirado; e o seu reino não será jàmais destruído».

Passaram mais de mil e quinhentos anos após a queda do último dos animais da visão de Daniel. E o mundo encontra-se num estado que lembra o do cativo de Babilónia.

Também surgiram «Quatro Grandes», de garras aceradas, dentes de ferro, cabeças múltiplas e coroas de hastes bovinas. Não é precisa a intuição profética de Daniel para prever que os fantásticos e ridículos animais, mais tarde ou mais cedo, terão o destino da Babilónia de Nabucodonosor, da Pérsia de Ciro, da Grécia de Alexandre e da Roma de Tibério e de Nero.

Esperemos que o *Ancião dos dias* dê o poder, a honra e o reino ao seu Divino Filho, para sempre.

Já o está anunciando a sua Mãe Santíssima, que apareceu na Fátima e, agora, vai aparecendo no mundo inteiro...

(13-V-48)

OS DOZE DE INGLATERRA

PARA entreter os ousados marinheiros que iam descobrir a Índia, contou o poeta genial, glória de Portugal e do mundo inteiro, Luís de Camões o episódio dos Doze de Inglaterra.

Como é sabido, onze portugueses embárcados no Porto, sob a direcção de Magriço, venceram em Londres um célebre torneio, ao fim do qual

Co'os nossos fica a pálma da vitória,

como refere Camões.

Este episódio dos «Lusiadas» ocorreu à minha memória, quando vi nos jornais e ouvi pela rádio as noticias da recente vitória dos jogadores portugueses na Suíça.

Mas há grande diferença entre o episódio dos «Doze de Inglaterra» e a vitória dos *hoquistas* de Lisboa.

O torneio dos «Doze de Inglaterra» foi mero episódio contado para entreter os heróicos navegadores que iam descobrir a Índia.

Os Portugueses daquele tempo descobriram a Índia, descobriram o Brasil, ensinaram a dar a volta ao mundo, levaram a doutrina cristã a metade da Terra e, se não fossem eles, talvez a Religião católica fosse, por muito tempo, dominada pelos mouros.

Com efeito, enquanto o Catolicismo era atraído pela maior parte das nações europeias, os nossos heróicos antepassados, atacando pelas costas os muçulmanos, impediram que eles viessem a dominar na Europa central e ocidental.

Estes os factos principais celebrados na Epopeia de Camões.

Hoje, infelizmente, os chamados grandes continuam a atraí-lo a nossa Religião, e nós contentamo-nos em celebrar o episódio brilhante dos *hoquistas*, que venceram o torneio da Suíça, como outrora os «Doze de Inglaterra» nos cobriram de glória em Londres. Tudo isso se resume a lindos episódios, que nada têm de fundamental para a história do mundo.

E' claro que hoje a imprensa e a rádio nos enchem os olhos e os ouvidos com a vitória de Montreux.

E' tudo muito bonito, mas não basta para cumprir a nossa missão.

Hoje não há, realmente, novas terras para descobrir, mas há muito que fazer: os descendentes dos Navegadores que descobriram meio mundo deviam preparar-se para ocupar o lugar

daqueles que a estupidez guerreira desviou dos laboratórios e das bibliotecas.

Como há quinhentos anos, os jovens Portugueses deviam dedicar-se às ciências e às belas artes, para que Portugal se torne digno do que foi nos séculos XV e XVI.

E' preciso mostrar que os nossos sete milhões de compatriotas não servem só para jogar a bola.

(13-VI-48)

COISA PARA ADMIRAR...

COMO é sabido, a Revolução francesa dos fins do século XVIII empregou todos os meios para destruir a religião de Cristo.

Os chamados enciclopedistas fizeram tenebrosa propaganda e a maçonaria trabalhou secretamente para acabar com a religião.

A classe médica, infelizmente, foi uma das que mais propaganda fez para levar os homens à descrença no sobrenatural. Conta-se que, em princípios do século passado, o médico célebre a quem se deve a descoberta da auscultação, foi, um dia, visitar o Papa, declarando-se católico. Sua Santidade, ao recebê-lo, pronunciaria esta frase: «Médico piedoso... é coisa para admirar!»

Realmente, após a Revolução francesa, e durante o decorrer do século XIX, a grande maioria dos médicos eram ateus, faziam gala da sua descrença, e muitos deles faziam propaganda das ideias materialistas. Quem se não lembra, entre os velhos, das polémicas sustentadas por um virtuoso sacerdote com Miguel Bombarda, que deveu a sua celebridade não ao facto de ser

médico e professor distinto, mas á propaganda temerosa que fazia na aula, e em livros e revistas, contra as ideias espiritualistas que nos fizeram grandes?

Por graça de Deus, a classe a que me honro de pertencer arripou caminho, e, tanto entre nós como no estrangeiro, constantemente aparecem médicos ilustres a confessar a sua crença em Cristo.

Ainda há dias, recebi duas cartas de colegas meus muito distintos, um brasileiro e outro espanhol, a declararem-se crentes. Um deles, que é um dos mais ilustres professores do Rio de Janeiro, diz literalmente: «Católico que sou, sinto-me profundamente honrado em sermos irmãos na inquebrantável Fé em Cristo! Nós que estudamos a perfeição da Forma humana, sentimos a magnificência da Criação e lógico é adorarmos o Criador».

No mesmo dia em que recebi esta carta, chegou às minhas mãos a de outro distinto colega de Madrid. Esta era escrita à máquina e ditada pelo meu colega. Dizia assim: «Da sua carta, recolho a desagradável impressão da sua doença. Que Deus e a medicina a aliviem ou curem, enquanto a vai sofrendo com paciência. Eu também perdi a vista, há pouco, e ofereço ao Céu a minha tribulação, tanto mais que ainda posso conservar a minha integridade intelectual e física».

Felizmente que, século e meio ¶depois de Laënnec, já não é para admirar encontrar-se um médico piedoso!

(13-VII-48)

NÃO ACABOU A REVOLUÇÃO

FEZ uma impressão extraordinária a exposição das obras materiais que se devem à chamada revolução do 28 de Maio. Em pouco mais de vinte anos, Portugal sentiu uma transformação completa. Da ruína em que o deixou a demagogia triunfante, surgiram as melhores estradas do mundo, reergueram-se os monumentos, reapareceu a esquadra, os portos encheram-se outra vez de navios, o dinheiro português tornou a ter valor...

Quem havia de dizer que aqueles pobres soldados que, de Braga até Lisboa, Gomes da Costa comandou, teriam a missão de reconduzir Portugal à posição que tinha perdido?

Eu, que, durante muitos anos, me habituara a ver na rua sedições militares a cada momento, confesso que não acreditei no êxito da revolta de Braga, que me pareceu, ao princípio, igual às outras.

Felizmente, enganei-me e tenho de confessar que aquele movimento foi diferente e que o segundo quartel do século XX foi o princípio da Regeneração.

Isto nos deve consolar; mas não deve satisfazer-nos por completo.

Sob o ponto de vista material, o nosso País sofreu uma transformação completa.

Mas, espiritualmente, estamos quase na mesma. Vi ontem, num jornal do Porto, a resenha do serviço dos tribunais, e fiquei desolado com o significado dessa actividade judicial. Só num dia, anuncia o jornal que se apresentaram nos tribunais do Porto cinco acções de divórcio, foram promovidas vinte acções de despejo, e requereram-se dezassete depósitos de rendas. Isto prova o estado de desorganização da Família portuguesa.

Portugal foi grande porque, noutros tempos, não era um simples rebanho de individuos, mas antes uma colecção de famílias honestamente constituídas segundo a lei de Deus. Ao atingir a maioridade, os Portugueses de ambos os sexos uniam-se por laços indissolúveis e, segundo o Evangelho de S. Mateus (XIX, 6), não *separava o homem o que Deus juntou*. Depois, com o Cinco de Outubro, surgiu a maldita lei do divórcio, que ainda se mantém, apesar da nova Concordata. Só num dia, e na cidade do Porto, o jornal anuncia que foram requeridos cinco divórcios!

E a desorganização da Família nota-se ainda nos *despejos e depósitos de rendas* (perto de cinquenta), que, no mesmo dia, o jornal diz que foram requeridos no Porto.

Antigamente, a habitação das famílias era uma coisa sagrada, que passava de pais a filhos, durante séculos.

Hoje, por dinheiro, o património familiar é vendido, sem escrúpulos e sem saudades...

O Estado Novo tem construído milhares de belas casas em bairros económicos, mas nada é ainda suficiente.

Mantém-se uma guerra civil vergonhosa entre inquilinos e senhorios e são inúmeros os que procuram, à sombra da lei, roubar-se uns aos outros.

O 28 de Maio fez muito, mas tem ainda muito mais que fazer!

(13-VIII-1948)

O "DIÁRIO DO GOVÊRNO"

HÁ cerca de meio século, lidei muito com um condiscípulo muito inteligente, que foi distinto professor, e que tinha um modo pitoresco para exprimir as suas dúvidas a respeito da veracidade das notícias dos jornais, sobre fantásticas descobertas científicas.

Aquele meu amigo dizia cautelosamente: deixe primeiro vir a notícia no «Diário do Govêrno»... Queria dizer na sua que não devíamos acreditar nas notícias de descobertas sensacionais que os jornais nos impingem, devíamos esperar que a observação meticulosa e cuidadosas experiências confirmassem o facto, que as sociedades científicas o discutissem e que as revistas reputadas sérias o divulgassem. Se aquele meu amigo vivesse hoje, precisaria de ser muito mais cauteloso.

Não há dia nenhum em que os jornais e a ràdiotelefonía não falem de portentosas descobertas, da cura da tuberculose e do cancro, da invenção de panaceias que não tardarão a vencer a morte. Infelizmente tais descobertas nunca chegam a vir decretadas no «Diário do Govêrno»,

isto é, nunca são verificadas experimentalmente, nem entram na ordem do dia das sessões das sociedades científicas, nem chegam a vir publicadas pelas revistas de reconhecida probidade.

Eu bem queria, de mês a mês, transmitir aos queridos leitores da «Voz da Fátima» notícias iguais às que nos entram diàriamente pelos olhos e pelos ouvidos, através dos jornais e da rádio.

Não o faço, porque não acredito em tais informações e não quero mentir aos meus leitores (*).

A ciência realmente progride, mas com lentidão desconcertante.

O que anda depressa é a maldade humana, força maldita, que tudo procura subverter.

(13-IX-48)

(*) Depois de escrito este artigo, recebo o n.º de 10-VII da revista madrilena «Medicamenta», em que o seu colaborador F. A. U. exprime as mesmas ideias.

OS PULMÕES DAS CIDADES

PARA acudir à viciação do ar nas cidades, viciação produzida pela grande acumulação de povo, era costume plantar árvores nas ruas e praças e organizar jardins e parques.

Lembro-me dos vastíssimos *Hyde Park* e *Regent's Park*, que vi em Londres, e a que lá chamavam, com muita propriedade, os pulmões da cidade.

Lembro-me da floresta de amoreiras que havia, há cinquenta e tantos anos, em Santo Tirso, ao lado do Mosteiro beneditino, amoreiras onde ia colher folhas para sustentar os meus bichos da seda, furto que, uma vez, me valeu uma repreensão do sábio abade Pedrosa. Lembro-me de, por essa época, quando vim para o Porto, ver a Praça Nova, as Carmelitas, muitas ruas e praças, adornadas com frondosíssimas árvores, que desapareceram. Conheci a Rua dos Carvalhais, em Santo Tirso, a Rua do Pinheiro e as ruas da Carvalhosa e das Carvalheiras, no Porto, o Campo das Carvalheiras, em Braga, mas, no meu tempo, já não tinham árvores.

Com isso perdeu a higiene e perdeu a estética.

Quem não perdeu, de todo, o gosto, confronte o aspecto que tem hoje a Avenida da Boavista, com as suas belas árvores que a ladeiam no princípio, a partir da Rotunda, e no fim, ao chegar à Foz, confronte a beleza desses dois troços arborizados da Avenida, com a parte central, em que as árvores foram brutalmente suprimidas...

Lembrou-me este assunto um colega e velho amigo do Minho, que tem feito propaganda da cultura de árvores frutíferas em plena cidade. Teríamos assim bom ar, boa sombra e excelentes frutos para nos refrescar.

Lembro-me de ver em Viseu uma larga avenida ladeada de cerejeiras; na minha terra (Santo Tirso) há um jardim público crivado de ameixoeiras; e também vi no alto da Serra, na estrada que vai do Porto a Guimarães, algumas dezenas de ameixoeiras.

No Porto havia uma Rua do Laranjal, mas nunca lá vi laranjeiras; e em Coimbra há Santo António dos Olivais. Porque não enchem de oliveiras aquelas ruas e praças, assim como a vizinha Cumeada?

Como ficaria enriquecida a formosíssima região, que já foi habitada pelo nosso glorioso Santo António!

As cidades, às vezes, fingem que têm árvores,

por ostentarem uma espécie de cogumelos, a que chamam acácias ou robínias.

Isso não vale nada. Plantem árvores que saibam crescer e, podendo ser, que saibam também florescer e frutificar.

Há o perigo de as assaltarem os rapazes? Mesmo que levem alguns frutos, ainda deixarão outros para os seus companheiros dos asilos.

A tentação é grande, e nem se livrou dela um dos maiores santos, Santo Agostinho, que confessa ter um dia assaltado o pomar dum vizinho.

O assalto às fruteiras é pecado que tem fácil perdão.

Mas pode tornar-se menos vulgar, educando os rapazes, como fazia S. João Bosco ou como faz o nosso Padre Américo.

(13-X-48)

O BOM SAMARITANO

COMO de costume, ouvi hoje a missa de Cedeifeita pela rádio.

O evangelho do dia era o «bom Samaritano» (S. Lucas, X, 30-37):

«Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram; e, tendo-lhe feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Ora aconteceu que descia pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo. Igualmente um levita, chegando perto daquele lugar, e vendo-o, passou adiante. Mas um Samaritano que ia a seu caminho, chegou perto dele; e, quando o viu, moveu-se de compaixão. E, aproximando-se, ligou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado dele. E no dia seguinte tirou dois dinheiros, e deu-os ao estalajadeiro, e disse-lhe: Tem cuidado dele; e quanto gastares a mais, eu to satisfarei quando voltar. Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? E ele respondeu: O

que usou com ele de misericórdia. Então Jesus disse-lhe: Vai, e faz tu o mesmo».

A doutrina de Cristo teve prodigiosa expansão. Vou contar um caso que me sucedeu há uma semana.

Fui passar o domingo fora, com minha família. No regresso a casa, à noite, sofri um pequeno acidente de automóvel. Ao passar por alturas da Maia, na estrada em reparação, passavam em direcção contrária, para a jogatina da Póvoa, gigantescos automóveis, a que chamam espadas.

Os batoteiros iam em desenfreada velocidade, com potentíssimos faróis acesos.

O nosso *chauffeur*, aliás prudentíssimo e competente, cego pelo foco de luz dum dos automóveis que vinham em sentido contrário, desviou desastrosamente o nosso carro para cima de um montão de pedras destinada ao conserto da estrada.

Todos os passageiros do meu carro sofreram um grande abalo, felizmente sem consequências. O carro é que teve de ficar toda a noite na estrada com avarias.

As *espadas* que levavam os jogadores para a Póvoa, tal qual o sacerdote e o levita do Evangelho, não deram pelo acidente, e seguiram sempre.

Vinha, porém, atrás de nós outro carro, com um passageiro único, e um *chauffeur* atenciosíssimo, que, vendo o nosso perigo, nunca mais nos

largou, forçando-nos a entrar no seu carro, e transportando-nos a casa, a alguns quilómetros de distância.

Ao chegar a nossa casa, não queria receber qualquer remuneração, e tanto ele, como o benemérito passageiro que transportava, não declinaram os seus nomes e estou hoje sem saber a quem devo uma acção tão caridosa.

Talvez sem o suspeitarem, os dois beneméritos encarnaram em si a alma do bom Samaritano do Evangelho.

(13-XI-1948)

A. E. I. O. U.

TROUXERAM-ME, há dias, uma das engraçadas criancinhas austriacas, que a caridade dos portugueses teve recolhidas em suas casas durante alguns meses.

O menino era lindo e esperto como os nossos. Retirado da sua pátria infeliz e do seio da família, nunca mais ouviu pronunciar uma palavra na sua língua natal. Acolhido caridosamente numa distinta casa do Minho, esse menino, no fim de seis meses, adquiriu o uso da língua portuguesa, que fala tão correctamente, como os portuguezinhos da sua idade (cinco anos).

Adquiriu também os costumes das nossas crianças e brinca como elas.

A contemplação dessa criancinha tão loira faz-me recordar quantas calamidades e misérias tem passado o velho império austriaco, desde que estalou a primeira Guerra Grande (1914).

A Áustria-Hungria estava então no auge do seu poder; depois, foi resvalando pouco a pouco, até cair no domínio de Hitler e, depois, até ser esmagada pelo poder diabólico dos soviets.

Há cinquenta anos, ninguém poderia supor

que à grandeza imperial da Áustria poderia suceder a actual miséria.

Os imperadores da Áustria tinham uma aspiração, que traduziam simbòlicamente pelas cinco vogais do alfabeto: A. E. I. O. U. Eram as iniciais de cinco palavras latinas, que queriam dizer: *Compete à Áustria mandar no mundo inteiro.*

Essa vaidosa aspiração foi castigada como se vê: aquele império, ao fim de meio século, foi transformado numa terra miserável, esfo-meada, dividida e escravizada. Quando será que os homens se convencerão da sua inferioridade, e se curvarão humildes ante a Majestade divina? Quando nos convenceremos, afinal, que só Deus é grande e que os chamados grandes da terra, a meu ver, não passam de grandes imbecis?

Creio que terei a honra de ver publicado este artiguinho no mês do Natal. Por isso, vou terminá-lo com a frase sublime: «Glória a Deus nas Alturas e, na terra, paz aos homens!»

Sim: seja glorificado o Único que é Grande, e que Ele dê paz aos bichos da terra, todos tão pequenos...

(13-XII-48)

O MAL RUBRO

NOS últimos anos tem-se desenvolvido muito uma epizootia, que tem dizimado em alto grau os porcos, dando enormes prejuízos à lavoura.

A essa doença contagiosa dá-se o nome de mal rubro, porque ela é caracterizada pelo aparecimento de pintas vermelhas à superfície da pele dos suínos.

Essa doença é extremamente grave e é muito contagiosa.

A medicina veterinária, que tem avançado muito nos últimos tempos, de modo a acompanhar hoje o adiantamento da medicina humana, descobriu uma vacina capaz de combater o mal rubro dos porcos, assim como a vacina clássica previne as bexigas na nossa espécie. Mas, assim como a vacina antivariólica falha algumas vezes, também a vacina contra o mal rubro dos porcos, às vezes, não dá resultado, e os suínos, apesar de todos os cuidados dos donos, lá vão levados, causando grandes prejuízos.

Mas, afinal, não era dessa doença dos porcos que eu queria tratar.

A espécie humana está a ser flagelada por uma epidemia devastadora, que eu comparo ao mal rubro dos porcos; é muito mais perigosa do que este mal, e também merece o nome de rubro, por causa da vermelhidão dos seus agentes.

O mal rubro da gente provém da Rússia, cuja população se transformou num rebanho de porcos, que repudiaram as ideias de Deus, de Pátria e de Família.

Como no tempo de Átila, as hordas moscovitas procuram invadir o mundo inteiro.

Haverá um processo profilático capaz de prevenir o mal rubro humano? Se o há, devemos reclamá-lo da medicina veterinária e aplicá-lo com a maior energia, a ver se ainda vai a tempo.

(13-I-49)

PÃO QUENTE

QUANDO, no inverno, apanhamos uma sarai-vada, ficamos arripiados, ao contacto da água gelada sobre a pele.

E quando, às vezes, somos escaldados com uma gota de água quente, ficamos sèriamente incomodados, e, apesar de não sermos gatos, ficamos a ter medo da própria água fria...

A nossa pele tem grande sensibilidade ao frio e ao calor, e gostamos de ter sempre, no exterior, uma temperatura moderada.

Mas, a moda e o feitio individual exigem, por vezes, que a temperatura dos alimentos seja, ou demasiadamente fria, ou quente de mais.

Há pessoas que exigem que, ao jantar, lhes sirvam a sopa a ferver, e comprazem-se quando exclamam: «Esta foi feita ao lume!»

Pelo contrário, no verão, usam gelados de várias espécies, entre os quais os saborosos sorvetes, tão perigosos.

Aos caprichos individuais, juntam-se as prescrições da moda, às vezes tão extravagantes.

De uma vez, estava eu em Madrid, num fim de Primavera muito quente. Pois tive de supor-

tar ali, no Grande Hotel em que me hospedei, o uso da sopa gelada ao jantar!

Assim como a nossa pele é muito sensível ao calor e ao frio, devemos convencer-nos de que a mucosa das nossas goelas ainda aguenta mais difficilmente os excessos de temperatura.

O nosso povo humilde não precisa que lhe forneçamos estas lições, porque a experiência de séculos ensinou-o já. Aqui há tempos, estava eu na aldeia e vi passar uma rapariga com uma apetitosa broa acabada de cozer.

Uma pessoa que estava presente quis provar um cantinho do precioso alimento, mas teve que desistir, quando ouviu uma velhota, natural de Amarante, aconselhar:

« Broa quente,
Nem a são,
Nem a doente! »

« Já a minha avó dizia isto! » — acrescentou.
Seria da mesma época o ditado popular ensinado pelo meu livro de leitura:

« Pão quente
Muito na mão
E pouco no dente! »

Neste adágio, o povo é mais ambicioso que o Padre Nosso: não pede sómente o pão nosso de

cada dia, mas quer muito pão para guardar; contudo, aconselha higiênicamente a deixá-lo arrefecer...

(13-II-1949)

CANTIGAS DE CEGOS

DESDE a minha remota infância me habituei a ouvir, na minha longínqua aldeia, humildes ceguinhos a pedir esmola, cantando à viola.

Aproveitavam os cegos pedintes romances populares, que, desde tempos imemoriais, se cantavam nas nações peninsulares, e que talvez em Espanha tivessem origem: a «Dona Silvana», a «Dona Infanta», o «Bernardo Francês», o «Conde da Alemanha», a «Donzela que vai para a guerra» e a «Nau Catrineta».

Ao lado dessas canções de origem real ou lendária, que provêm da Idade Média ou da Renascença, cantavam e cantam os ceguinhos melodias relativas a acontecimentos ou lendas de origem recente, como o «Antoninho».

Que belas melodias o povo adaptou à trágica lenda coimbrã do «Antoninho»!

«Antoninho, como criança,
A sua pèdrinha atirou;
A brincar co'os estudantes,
Sem querer o pavão matou.

Tu que fazes, Antoninho,
Tu que andas a fazer?
Mataste o meu pavão...
Da mesma morte vais morrer!»

Há muitos séculos, desde Gil Vicente, o povo português aproveitou canções populares oriundas de Espanha, e canta-as como há quinhentos anos.

Também, actualmente, qualquer acontecimento, real ou imaginário, serve de pretexto para os cantares do povo.

E é curioso como, desde a Infanta D. Maria, espanhóis e portugueses se servem dos mesmos temas para as suas belas canções. Todos tiveram conhecimento da portentosa visita a Madrid, em Maio do ano passado, duma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Pois essa maravilhosa visita à capital de Espanha produziu tal impressão na alma do povo espanhol, que os cegos cantam hoje, nas ruas de Madrid, ingénuos versos a celebrar os grandes milagres acontecidos na Praça da Armeria, por ocasião da visita da imagem da Virgem de Portugal, que é hoje a Virgem do mundo inteiro.

Um meu ilustre colega, professor da Faculdade de Medicina de Madrid, que é hoje, como eu, grande devoto da Virgem da Fátima, mandou-me um folheto de cordel, muito espalhado hoje na capital de Espanha; nele se mencionam

aqueles milagres realizados em 29 de Maio de 1948: a paralítica Maria Teresa Toyos levantou-se do chão; Fulgência Sánchez, de 64 anos, era cega e paralítica havia quatro anos e começou a ver e a andar, em presença do Cardeal Cerejeira; Mercedes López, de setenta anos, esteve seis meses sem fala e, em face da imagem de Nossa Senhora, começou a rezar e a cantar em seu louvor; Eugénia Sanz Marín esteve vinte anos privada de vista e, depois de comungar, viu claramente a sagrada imagem; finalmente, por milagre de Nossa Senhora, também a paralítica Carmen Rodriguez começou a andar por seu pé.

Estas portentosas curas parece que foram verificadas por milhares de pessoas, conforme regista o folheto de cordel que traz os cânticos dos cegos de Madrid, o qual termina pedindo a Nossa Senhora que guarde para os povos a paz e que nos faça humildes para a podermos merecer.

Que Deus oiça os cêguinhos madrilenos!

(13-III-49)

XLIX

O HOMEM E O MUNDO

A direcção dos Correios teve a excelente ideia de divulgar em bilhetes postais alguns passos selectos dos nossos maiores escritores.

Chegou-me hoje às mãos um bilhete dessa emissão, que transcreve um pequeno trecho do nosso grande clássico P.º Manuel Bernardes.

«Que coisa é o homem neste mundo?», pergunta o insigne escritor. E logo responde: «comediante no tablado, hóspede na estalagem, uma candeia exposta ao vento, padecente caminhando para o suplicio».

Não podiam ser mais expressivas e mais sublimes as palavras de Bernardes, que tão bem se acomodam aos tempos de agora, apesar de terem sido escritas há trezentos anos.

O homem de hoje, desde o maior ao mais pequeno, bem pode comparar-se a um palhaço, a exhibir as suas grotescas habilidades no palco dum teatro ou na tela dum cinema, habilidades quase sempre merecedoras de ruidosa pateada.

O homem de hoje, como o de todos os tempos, não passa dum hóspede, que passa uns dias numa hospedaria, e dali, mais tarde ou mais cedo, é

trasladado, com mais ou menos pompa, para o cemitério.

O homem de hoje, como o de qualquer época, é, realmente, como uma vela acesa, a arder e a derramar lágrimas, luzinha que é apagada para sempre pelo menor sopro de vento.

O homem caminha realmente para o suplicio, a gemer e a chorar; é sempre um condenado à morte, por mais altas que sejam as posições que ele supôs atingir.

Pergunta ainda Manuel Bernardes que são honras e dignidades.

E responde logo, cruamente, que são, por fora, brasões e telas e luzes; e, por dentro, ripas de pinho e lixo.

De que valem os brasões, as roupagens mirabolantes, as luminárias que circundam os chamados grandes, se, por fim, eles são transformados em lixo, agarrado algum tempo ao pobre esqueleto, que não vale mais que uns pobres sarrafos de pinheiro?

E' assim que o P.^o Manuel Bernardes define o que é o homem neste mundo.

Realmente é inexorável o destino mortal do corpo humano.

Mas os homens, longe de serem todos iguais, são, pelo contrário, todos diferentes.

Há-os que são verdadeiras feras, com forma de gente, mas também os há que são santos.

A parte corporal deles todos, daqui a um instante, será imundo lixo, como diz Bernardes. Mas o espírito que os animou durante a vida será, por fim, julgado por Deus, que lhe dará, com perfeita justiça, o destino que ele merecer, segundo o seu proceder neste mundo.

Se todos assim pensassem, não haveria por cá tantas feras com forma de gente.

(13-IV-1949)

L

CIÊNCIA DO BEM E DO MAL

NA atribulada quaresma de 1949, sou levado a meditar em algumas verdades fundamentais da Bíblia Sagrada, que me parecem explicar os grandes acontecimentos dos tempos actuais e dos que estão para vir.

No Cap. II do *Génesis* (15-17) podemos ler: «Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e colocou-o no paraíso de delicias, para que o cultivasse e guardasse. E deu-lhe este preceito, dizendo: Come de todas as árvores do paraíso, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque, em qualquer dia que comeres dele, morrerás indubitavelmente».

No Cap. III do *Génesis* (1-7) fala-se da tentação da serpente e da queda de Adão e Eva. «Deus sabe, informa o diabólico animal, Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal».

E, depois que obedeceram à tentação, «os olhos de ambos se abriram; e, tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas».

O episódio que é tão sumariamente narrado no primeiro livro da Bíblia Sagrada, parece que foi repetido lentamente, no longo desenvolvimento da história da humanidade.

Na antiguidade clássica, durante as velhas civilizações da Grécia e Roma, muito se estudou a física, a química e a biologia. Depois, veio a Idade Média, em que afrouxaram esses estudos, que foram substituídos por estudos abstractos de filosofia. Depois, seguiu-se a Renascença, em que floresceram de novo as ciências físicas e naturais.

O estudo da anatomia humana teve então grande incremento, mas os órgãos do nosso corpo eram apenas estudados abrindo os olhos da cara, que se extasiavam perante as maravilhas do corpo dum cadáver descarnado com o escalpelo.

Descobriu-se depois o microscópio, que, no princípio, aumentava modestamente até mil vezes o natural. Nasceu assim a histologia, que pôde estudar os tecidos de que são formados os órgãos, e, mais tarde, a citologia, que nos deu a conhecer a estrutura das células, de que são formados os tecidos orgânicos.

Ultimamente, o microscópio aperfeiçoou-se prodigiosamente e hoje, em vez de aumentar mil vezes os objectos, amplia-os milhões de milhões de vezes, e não tardará a mostrar-nos o que é o protoplasma que forma as células, e até

as moléculas que formam o protoplasma, e os átomos que formam as moléculas.

Quando, há meio século, frequentei a Academia Politécnica, ensinaram-me os professores de química José Arroio e Ferreira da Silva que a matéria não era sempre divisível: quando se repartia sucessivamente um corpo, chegava-se a um ponto em que ele não se podia dividir mais — chegava-se ao átomo, que, por definição etimológica, era o limite da divisibilidade da matéria.

Ora vejam o que ensinava a ciência há meio século e comparem a física e a química de então com a de hoje.

O átomo, que, no fim do século passado, era considerado indivisível, hoje considera-se como um aglomerado imenso de partículas.

A energia atômica pode dispersar tão violentamente essas partículas que, pelo poder diabólico da energia atômica, pode, num momento, fazer-se desaparecer uma grande cidade, com toda a sua população.

Eu já não posso compreender bem estas coisas a que o progresso nos levou — quer dizer, já não estou a tempo de aprender.

Morreria, contudo, feliz, se pudesse convencer-me de que as gerações novas que eu deixar receberão de Deus a ciência do bem e do belo, e que o diabo levará consigo para o inferno a ciência do mal, com a bomba atômica e com

outras maravilhas que nos deixariam sempre nus, como aconteceu no Paraíso terreal com os nossos remotos antepassados Adão e Eva.

(13-V-49)

ERRATA

PÁGINA	LINHA	ONDE ESTÁ	LEIA-SE
43	14	médicas cirúrgicas	médicas e cirúrgicas
67	10	conheceram	conhecem

ÍNDICE

Imprimatur	4
Dedicatória	5
Prefácio	7
I — Montanhas e planícies	11
II — O Senhor o veja dar	15
III — Pobres e porcos.	17
IV — Civismo	21
V — O corpo humano	25
VI — Ressurreição	29
VII — A crise do mundo moderno	33
VIII — Racismo	37
IX — A oração	41
X — A carta do mundo	45
XI — Honra e glória	49
XII — Mistificação	51
XIII — Às polegadas.	55
XIV — Muito rico e muito burro	59
XV — A paz	63
XVI — A mestra da vida	67
XVII — Quem é grande	71
XVIII — Saúde dos enfermos	73
XIX — Crime e castigo	77
XX — O sonho	79
XXI — Expansão da Fátima	83
XXII — A fome.	87
XXIII — Natal	91
XXIV — A penicilina	93



INDICE

XXV — A limpezinha	97
XXVI — A pombinha vai voando	101
XXVII — Ciência e fé	105
XXVIII — A poesia popular	109
XXIX — Todas as gerações me chamarão bem-aventurada	113
XXX — Quem te fez conhecer que estavas nu?	117
XXXI — Medicina colectiva	121
XXXII — Gog e Magog	125
XXXIII — Lá vem o Senhor Doutor	129
XXXIV — Coisas velhas	133
XXXV — Se aquilo que a gente come	137
XXXVI — Endocrinologia	141
XXXVII — O Gandhi	145
XXXVIII — Sonho de Daniel	149
XXXIX — Os Doze de Inglaterra	153
XL — Coisa para admirar	157
XLI — Não acabou a revolução	161
XLII — O «Diário do Governo»	165
XLIII — Os pulmões das cidades	167
XLIV — O bom samaritano	171
XLV — A. E. I. O. U.	175
XLVI — O mal rubro	177
XLVII — Pão quente	179
XLVIII — Cantigas de cego	183
XLIX — O homem e o mundo	187
L — Ciência do bem do mal	191

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO, NAS OFI-
CINAS DA «GRÁFICA», EM LEIRIA, AOS VINTE
E NOVE DIAS DO MÊS DE OUTUBRO DO ANO
DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA E NOVE

LAUS DEO VIRGINIQUE MATRI

